



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Marcella Mendonça da Fonseca

**A modalidade no gênero carta do leitor:  
uma abordagem sistêmico-funcional**

Rio de Janeiro

2015

Marcella Mendonça da Fonseca

**A modalidade no gênero carta do leitor: uma abordagem sistêmico-funcional**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Magda Bahia Schlee

Rio de Janeiro

2015

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

F676 Fonseca, Marcella Mendonça da.  
A modalidade no gênero carta do leitor: uma abordagem  
sistêmico-funcional / Marcella Mendonça da Fonseca. – 2015.  
97 f.: il.

Orientadora: Magda Bahia Schlee.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de  
Janeiro, Instituto de Letras.

1. Funcionalismo (Linguística) – Teses. 2. Modalidade  
(Linguística) – Teses. 3. Cartas de leitores – Teses. 4. Semântica  
– Teses. 5. Linguística de corpus – Teses. I. Fernandes, Magda  
Bahia Schlee de Brito. II. Universidade do Estado do Rio de  
Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 806.90-085

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta  
dissertação desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Marcella Mendonça da Fonseca

**A modalidade no gênero carta do leitor: uma abordagem sistêmico-funcional**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua portuguesa.

Aprovada em 19 de outubro de 2015.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Magda Bahia Schlee (Orientadora)  
Instituto de Letras - UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Vânia Lúcia Rodrigues Dutra  
Instituto de Letras - UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Lúcia Poltronieri  
Instituto Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2015

## DEDICATÓRIA

Ao meu pai Wilson Manoel que,  
com total apoio,  
me permitiu chegar até aqui.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por todo amparo e força para superar as minhas limitações.

À minha família, principalmente aos meus pais Marcia e Wilson, pelo carinho e incentivo de sempre. Agradeço a vocês por celebrarem comigo cada vitória.

À minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dra. Magda Bahia Schlee, por acreditar em mim, mesmo quando eu não acreditava. Agradeço por ter me conduzido da especialização ao mestrado com competência e amizade, mas agradeço, sobretudo, por ser um exemplo para mim.

A Rafael Magri, meu esposo, por toda a compreensão, amizade e paciência ao longo desta jornada.

Aos amigos do Colégio Andrews que fizeram parte desse momento sempre me ajudando, fosse com uma carona para chegar a tempo nas aulas ou com uma palavra de incentivo. Agradeço por todo carinho e preocupação. O apoio de vocês foi fundamental para a conclusão do curso de mestrado.

Aos meus alunos pela paciência a cada correção de prova ou trabalho em atraso devido à correria das entregas de artigos. Obrigada por, mesmo com toda a ansiedade da juventude, compreenderem a situação.

Aos meus amigos de sempre, que me acompanharam por toda esta jornada.

## RESUMO

FONSECA, Marcella Mendonça. *A modalidade no gênero carta do leitor: uma abordagem sistêmico-funcional*. 2015. 97 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

A presente pesquisa tem por objetivo a análise da categoria discursiva modalidade no gênero carta do leitor a partir dos pressupostos da Linguística Sistêmico-funcional. Esse gênero possui um caráter argumentativo evidente, nele, pode-se explorar a opinião do autor por meio de elementos linguísticos que são utilizados para realizar críticas, solicitações, elogios, agradecimentos etc. O *corpus* é composto por cartas publicadas em dois periódicos do Rio de Janeiro – *O Globo* e *O Dia*. O levantamento e a análise das ocorrências de estruturas gramaticais, utilizadas como estratégias modalizadoras, foram observadas a partir de estudos de orientação semântico-discursiva, apoiando-se na classificação de José Carlos de Azeredo (1990), e revelaram o papel importante que desempenham na expressão de significados interpessoais na medida em que essas estruturas são usadas para expressar significados relacionados ao julgamento do falante em diferentes graus.

Palavras-chave: Modalidade. Linguística Sistêmico-Funcional. Carta do leitor.

## ABSTRACT

FONSECA, Marcella Mendonça. *The modality in reader's letter: a systemic functional linguistics study*. 2015. 97 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

The present research has as its purpose the analysis of the discursive category modality in the reader's letter genre based on the systemic functional linguistics. The genre has got an evident argumentative characteristic, in which, can explore the author's opinion through the linguistic elements that are used to build up critics, solicitations, compliments, gratefulness etc. The structure is composed by published letters in two newspapers from Rio de Janeiro – *O Globo* and *O Dia*. The collection and analysis of the grammar structures occurrences used as modal strategies, were analysed from orientation studies semantic-discursive based on José Carlos de Azeredo's (1990) classification, and revealed the important role that is developed in the expression of interpersonal meanings as these structures are used to express meanings related to the speaker's judgment in the different levels.

Keywords: Modality. Systemic Functional Linguistics. Reader's letter.



## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
1	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	13
1.1	<b>A metafunção interpessoal</b> .....	18
2	<b>MODALIDADE</b> .....	20
2.1	<b>Aspectos gerais da modalidade em obras de referência</b> .....	20
2.1.1	<u>A modalidade na abordagem de José Carlos de Azeredo</u> .....	22
2.2	<b>O conceito de modalidade na perspectiva sistêmico-funcional</b> .....	25
3	<b>ESTUDO DO GÊNERO TEXTUAL CARTA DO LEITOR</b> .....	28
3.1	<b>Breve panorama dos estudos dos gêneros textuais</b> .....	28
3.2	<b>Os gêneros textuais na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional</b> ...	34
3.3	<b>O gênero textual carta do leitor</b> .....	36
3.3.1	<u>A carta do leitor nos jornais <i>O Globo</i> e <i>O Dia</i></u> .....	39
4	<b>METODOLOGIA</b> .....	43
4.1	<b>Corpus</b> .....	43
4.1.1	<u>Descrição do <i>corpus</i></u> .....	43
4.1.2	<u>Ocorrências</u> .....	44
4.2	<b>Estrutura das análises</b> .....	45
5	<b>ANÁLISE DO CORPUS</b> .....	46
5.1	<b>Jornal <i>O Globo</i></b> .....	46
5.1.1	<u>Menores no crime</u> .....	46
5.1.2	<u>Menores e a Justiça</u> .....	47
5.1.3	<u>Menores e a Justiça (II)</u> .....	48

5.1.4	<u>A conta</u> .....	49
5.1.5	<u>Doutrinas e utopias</u> .....	50
5.1.6	<u>Gastos públicos</u> .....	51
5.1.7	<u>Padrão Brasil</u> .....	51
5.1.8	<u>Planos de saúde</u> .....	52
5.1.9	<u>Aposentados</u> .....	53
5.1.10	<u>Maioridade penal</u> .....	54
5.1.11	<u>Alguns conselhos</u> .....	55
5.1.12	<u>Reajuste justo</u> .....	56
5.1.13	<u>Versão modificada</u> .....	57
5.1.14	<u>Maioridade</u> .....	57
5.1.15	<u>Cunha e Collor denunciados</u> .....	58
5.2	<b>Jornal <i>O Dia</i></b> .....	59
5.2.1	<u>Martírio em trânsito de rua em Niterói</u> .....	59
5.2.2	<u>Lembrete a quem quer a ditadura de volta</u> .....	60
5.2.3	<u>Corrupção já acabou com o governo do PT</u> .....	61
5.2.4	<u>Por manifestações contra achacadores</u> .....	61
5.2.5	<u>Por leis mais severas na política brasileira</u> .....	62
5.2.6	<u>Vigas da Perimetral continuam sumidas</u> .....	63
5.2.7	<u>Escândalos envolvem os mesmos políticos</u> .....	63
5.2.8	<u>Rua sem luz vira local de assaltos na Tijuca</u> .....	64
5.2.9	<u>Bandidos são os culpados por crimes</u> .....	65
5.2.10	<u>Governo está perdido e não sabe o que fazer</u> .....	65
5.2.11	<u>Mudanças na pensão para viúvas são o fim</u> .....	66

5.2.12	<u>Por mudanças em critérios de votos</u> .....	67
5.2.13	<u>Prêmio por fuzilamento de suspeitos em SP</u> .....	67
5.2.14	<u>Governo deveria criar índice de corrupção</u> .....	68
5.2.15	<u>Impressionante ambição de senadores</u> .....	68
5.3	<b>Identificação das ocorrências de modalidade</b> .....	69
5.3.1	<u>Jornal O Globo</u> .....	69
5.3.1.1	Total de ocorrências de modalidade.....	69
5.3.1.2	Total de ocorrências de modalidade por descrição quanto às apreciações do locutor – Modalização.....	70
5.3.1.3	Total de ocorrências de modalidade por descrição quanto às intenções e interesses do locutor – Modulação.....	70
5.3.2	<u>Jornal O Dia</u> .....	70
5.3.2.1	Total de ocorrências de modalidade.....	70
5.3.2.2	Total de ocorrências de modalidade por descrição quanto às apreciações do locutor – Modalização.....	71
5.3.2.3	Total de ocorrências de modalidade por descrição quanto às intenções e interesses do locutor – Modulação.....	71
6	<b>ANÁLISE DOS RESULTADOS</b> .....	72
	<b>CONCLUSÃO</b> .....	78
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	81
	<b>ANEXOS</b> .....	83

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, intitulada *A modalidade no gênero carta do leitor: uma abordagem sistêmico-funcional*, trata da categoria discursiva modalidade no gênero carta do leitor e sua relevância para veiculação do sentido interpessoal nesse tipo de texto.

O interesse pelo assunto decorre da grande importância da categoria discursiva modalidade para os estudos de Língua Portuguesa atrelado aos diferentes gêneros textuais.

A modalidade, categoria discursiva responsável pela veiculação das opiniões e atitudes do falante/escritor em relação ao conteúdo proposicional das sentenças, tem recebido pouca atenção nos estudos de Língua Portuguesa. Isso se justifica porque a categoria em análise pressupõe uma abordagem de cunho funcionalista das categorias linguísticas.

Nesse sentido vale distinguir as duas correntes fundamentais do pensamento linguístico: o formalismo e o funcionalismo.

O formalismo caracteriza-se pela importância dada à forma linguística, nesta corrente, os interesses funcionais são secundários. A gramática formalista é sintagmática, ou seja, preocupa-se apenas com a organização das unidades presentes em determinado enunciado. Neste caso, a língua é entendida como um sistema autônomo e estudada de forma descontextualizada, sem a preocupação com os significados oriundos da relação entre os constituintes.

Já o funcionalismo preocupa-se em descrever a língua como um todo, analisando a relação entre forma e função dentro de um contexto. Nessa perspectiva, a língua é entendida como um produto social usado para a interação comunicativa.

A escolha do gênero carta do leitor deve-se ao fato de que essas produções apresentam a tipologia argumentativa, o que propicia o emprego produtivo das marcas de modalidade.

Tendo em vista que o estudo da modalidade pressupõe a investigação da língua em uso, optou-se pela Linguística Sistêmico-Funcional de M. A. K. Halliday como aporte teórico, uma vez que “uma gramática funcional é essencialmente uma

gramática ‘natural’, no sentido de que nela tudo pode ser explicado, em última instância, com referência a como a língua é usada” (1994, p.13).

A Linguística Sistêmico funcional entende a linguagem como um sistema de significados que medeia a existência humana. Assim como qualquer abordagem funcionalista, estuda os fatos da língua dentro de seus contextos, levando-se em consideração as intenções comunicativas do enunciador (HALLIDAY, 1994).

Nessa perspectiva teórica, a pesquisa parte da hipótese de que uma grande incidência de marcas linguísticas de modalidade em cartas do leitor decorre das especificidades que caracterizam esse gênero. A partir disso, alguns desdobramentos serão discutidos:

- (a) se há maior incidência de modalização ou modulação nas cartas analisadas;
- (b) se há diferenças entre a quantidade de marcas em função dos veículos – *O Globo* e *O Dia*;
- (c) se há diferenças dessas marcas motivadas pelo contexto de cultura e
- (d) quais as marcas mais recorrentes.

Dividiremos a presente dissertação, essencialmente, em seis capítulos. No primeiro capítulo, apresentaremos a fundamentação teórica de nosso trabalho. Faremos uma revisão crítica da Linguística Sistêmico-Funcional e seus principais preceitos. Embora o foco do nosso trabalho seja a metafunção interpessoal, comentaremos também as outras duas metafunções e seus respectivos sistemas.

Os conceitos de modalidade serão tratados no segundo capítulo, em três partes. A primeira parte do capítulo apresenta uma breve abordagem da modalidade em obras de referência. A segunda parte apresenta a modalidade na perspectiva de José Carlos de Azeredo. É oportuno destacarmos que optamos pela classificação das marcas linguísticas que expressam a modalidade apresentadas na obra *Iniciação à sintaxe do Português* de José Carlos de Azeredo (1990), visto que sua obra é de base funcionalista e se mostrou bastante adequada para os nossos propósitos de pesquisa. Já a terceira parte irá tratar do conceito de modalidade na perspectiva da linguística sistêmico-funcional.

No terceiro capítulo da dissertação, apresentaremos um estudo do gênero textual carta do leitor. Começaremos apresentando um panorama geral dos estudos de gêneros e depois passaremos a um estudo dos gêneros na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional, sob o ponto de vista de Ruqayia Hasan. Logo após,

analisaremos propriamente o gênero carta do leitor, apresentando não só a forma, como também a função desse gênero. Nosso objetivo é não só descrever o gênero, mas também identificar o perfil do leitor-autor de uma carta, no sentido geral, bem como o perfil do leitor de cada veículo selecionado.

A metodologia da presente dissertação será desenvolvida no quarto capítulo. Nesse capítulo, apresentaremos a forma como obtivemos os dados a partir da análise do *corpus*. Didaticamente, será feita uma breve descrição do *corpus*, das ocorrências e da estrutura das análises.

No quinto capítulo, analisaremos as ocorrências de modalidade nas 30 cartas do leitor selecionadas como *corpus*. Nosso estudo não só fará um levantamento quantitativo de ocorrências de adjetivos, como também um estudo qualitativo dessa categoria discursiva.

Apresentaremos, no sexto capítulo, a análise dos resultados.

A presente dissertação tem, pois, interesse teórico na descrição gramatical do português e, também, nos estudos do discurso em Língua Portuguesa.

Acreditamos que o presente trabalho seja relevante para investigações linguísticas, por apresentar uma análise da categoria discursiva modalidade em nível discursivo, baseando-se nos pressupostos da Linguística Sistêmico-Funcional.

Além disso, os resultados dessa investigação podem ser úteis à prática pedagógica na medida em que, ao contemplar a análise da estrutura do sistema linguístico relacionado ao estudo de gêneros textuais, o aluno será capaz de perceber a função que diversos recursos da língua podem assumir no discurso, podendo, assim, usá-los com mais eficiência ao produzir seus próprios textos.

A pesquisa também poderá ser utilizada como base para futuros estudos em diferentes níveis da gramática, assim como em outros gêneros discursivos.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo tem como objetivo apresentar os princípios da Linguística Sistêmico-Funcional, que constituem a base teórica da presente pesquisa. Começaremos, no entanto, fazendo uma breve comparação entre duas correntes de estudos de linguagem: o formalismo e o funcionalismo.

Os estudos linguísticos modernos, de uma forma geral, pretendem entender os fenômenos que envolvem a linguagem e o seu uso. Apresentam, portanto, abordagens que se situam em dois paradigmas, o formalismo e o funcionalismo. Nas palavras de Neves (1997, p.39):

o funcionalismo, no qual a função das formas linguísticas parece desempenhar um papel predominante, e o formalismo, no qual a análise da forma linguística parece ser primária, enquanto os interesses funcionais são apenas secundários.

Embora essas correntes não se oponham totalmente, é relevante discutir suas divergências.

Na perspectiva formalista, a língua é entendida como um sistema autônomo, seus estudos priorizam as características internas da língua, seus constituintes e as relações entre eles, ou seja, a língua é estudada como objeto descontextualizado, não há preocupação com os significados oriundos da relação entre os constituintes. O formalismo trata, então, da estrutura sistemática das formas de uma língua.

Já a perspectiva funcionalista preocupa-se em descrever a língua como um todo, analisando a relação entre formas e funções dentro de um contexto, ou seja, os fenômenos linguísticos são analisados somente em situações de uso. Dessa forma, a língua é um produto social usado para a interação comunicativa.

Segundo Halliday (1994), o formalismo concebe a língua como uma representação do pensamento e tem uma orientação sintagmática, preocupando-se apenas com a organização em torno da frase. Nessa corrente, a língua é interpretada como um conjunto de estruturas entre as quais podem ser estabelecidas relações regulares. Já o funcionalismo tem uma orientação paradigmática, preocupando-se com a organização em torno do texto ou do discurso.

Dessa forma, pode-se dizer que os formalistas entendem a linguagem como um fenômeno mental, um sistema autônomo, enquanto os funcionalistas a encaram como um fenômeno primariamente social. Assim, o funcionalismo assume a postura de que a gramática não pode nem ser entendida como sistema autônomo como também não pode ser estudada desvinculada de fatores como comunicação, cultura e interação, por exemplo, e, embora, assim como o formalismo, analise a estrutura gramatical, leva em consideração, para a análise, toda a situação comunicativa.

A Linguística Sistêmico-Funcional, doravante LSF, assim como qualquer teoria de cunho funcionalista, estuda os fatos da língua dentro de seus contextos, partindo da principal ideia de que a forma é subordinada à função e levando em consideração as intenções comunicativas do enunciador. A LSF desenvolveu-se de forma mais intensa nos anos 80 e um dos precursores da teoria foi Michael Alexander Kirkwood Halliday. Sua obra intitulada *An Introduction to Funcional Grammar* é referência para os estudos da LSF.

A LSF procura explicitar como a linguagem é usada, uma vez que qualquer enunciado está inserido em um dado contexto de uso. A teoria em questão parte do princípio de que a língua não é arbitrária e evolui para satisfazer as necessidades dos falantes, sendo assim, pode-se considerá-la um sistema natural que se adapta à realidade e no qual tudo pode ser explicado baseado na produção dos usuários. Segundo Neves (2004, p.2):

Qualquer abordagem funcionalista de uma língua natural, na verdade, tem como questão básica de interesse a verificação de como se obtém a comunicação com essa língua, isto é, a verificação do modo como os usuários da língua se comunicam eficientemente.

De acordo com Halliday (1994, p.13), a linguagem é

um sistema de produção de significados: um sistema semântico que, juntamente com os outros sistemas linguísticos, produz sentidos. O termo "semântico" não se refere simplesmente ao significado das palavras em si, mas ao sistema de significados de uma língua expressos tanto pela gramática quanto pelo vocabulário.

Ainda de acordo com os preceitos de Halliday (1994), a língua é um sistema potencial de significados. Cada escolha feita pelo usuário gera uma série de outras novas possibilidades, a partir das quais o falante cria os significados. Os usuários percebem desde cedo que a língua que os circunda pode variar em detrimento de



diversas situações de interação social. A partir do momento em que os falantes praticam e entendem esse conhecimento intuitivo, e percebem o quanto o contexto influencia nessas escolhas, faz-se, então, um uso funcional da linguagem. Ainda que seja impossível dar conta de todas as redes criadas por cada escolha, a LSF contribui para o entendimento de como os textos expressam ou não seus significados fazendo uso das potencialidades da língua.

Para a LSF, não há língua desconectada do uso, ou seja, a linguagem é social e só ocorre se estiver interligada à sociedade. Dessa forma, a análise de um texto deve estar voltada para o seu exterior, seu universo não linguístico, os seus significados e contextos, e não apenas para as suas formalidades interiores desvinculadas da aplicação social.

O texto, nessa perspectiva, é um conjunto de significados cujas partes são compostas por elementos estruturais adequados aos seus objetivos e contexto. Esses significados devem ser codificados em palavras e estruturas para serem comunicados. Halliday (1994) propõe, então, que o texto seja o ponto de partida para entendermos como utilizamos a língua para conseguir coisas e fazer com que elas aconteçam. Para isso, Halliday (1994) utiliza a noção de contexto, pois, para ele, o texto se desenvolve adquirindo sentido em dois contextos necessários para o seu entendimento, isto é, o contexto é um elemento indispensável para a análise dos fenômenos linguísticos.

Halliday (1994) apresenta, portanto, dois tipos de contextos: o de situação e o de cultura. O contexto de cultura é mais amplo, circunda o texto e está relacionado à forma como diferentes culturas utilizam a língua, ou seja, é realizado pelo conhecimento de mundo que os usuários da língua têm. A interação linguística envolve o contexto histórico de dada cultura e dos interlocutores. A interpretação do significado depende, então, da realidade cultural dos falantes. Já o contexto de situação é menos abrangente e consiste nas variações de linguagem mais particulares dentro de cada cultura, de acordo com o momento em que ocorrem, correspondendo às características extralinguísticas dos textos que se realizam.

O contexto de situação apresenta uma configuração formada por três elementos: campo, relações e modo. Esses elementos determinam as escolhas linguísticas que, por sua vez, criam significados distintos, e, além disso, estão relacionados às metafunções da linguagem, que serão expostas ainda neste capítulo.

O campo corresponde à natureza social, é a atividade materializada no texto. Essa variável está relacionada à função ideacional. As relações correspondem à natureza dos participantes, aos papéis que exercem e às ligações que estabelecem. As relações estão ligadas à função interpessoal. Já a variável modo corresponde ao papel da linguagem, ao canal e ao meio pelos quais o enunciado se concretiza linguisticamente. Essa variável, por sua vez, relaciona-se à metafunção textual. Essas três variáveis que compõem o contexto de situação serão descritas de forma mais detalhada no terceiro capítulo da presente pesquisa.

Halliday (1994) identifica quatro funções cumpridas pela linguagem em qualquer cultura: 1) interpretar o conjunto das experiências dos falantes; 2) expressar relações lógicas elementares; 3) expressar a participação dos falantes/ouvintes no discurso; e 4) ser capaz de realizar tudo isso simultaneamente, organizando-se como discurso relevante. Partindo dessas funções, ele estabelece as metafunções da linguagem, conceito fundamental para a teoria sistêmico-funcional, por representarem os constituintes da estrutura interna da linguagem. Dessa forma, as duas primeiras funções compõem a metafunção ideacional. A terceira constitui a metafunção interpessoal e a última, a metafunção textual.

A metafunção ideacional, segundo Halliday (1994), refere-se ao modo como representamos as nossas experiências no mundo, ou seja, à possibilidade que a linguagem oferece de falar sobre o mundo, representá-lo, expressando e transmitindo ideias. Nessa metafunção, a oração é a representação e o seu significado é a expressão de determinado evento, ação, estado ou de algum outro fenômeno da realidade. A percepção que o usuário da língua tem do que ocorre em torno de si é refletida pela oração e o seu significado é realizado pelo sistema de transitividade da língua e pelos papéis temáticos que fazem parte dos elementos de predicação – processos, participantes e circunstâncias.

Assim, a oração como representação identifica a ação realizada, por quem é realizada e as circunstâncias envolvidas. Ainda de acordo com Halliday (1994), a linguagem é capaz de criar significados e a oração é o meio pelo qual essa criação se materializa, visto que ela tem a finalidade de expressar os processos que controlam e denotam a realidade. Os processos são, então, representações linguísticas das ações que acontecem no mundo real. Como a Gramática Sistêmico-Funcional é de base semântica, os processos são categorizados de acordo com seus significados. Halliday (1994) aponta seis tipos de processos, sendo três deles

principais: materiais, relacionais, mentais; e os outros três secundários: verbais, comportamentais e existenciais. Vale ressaltar que um mesmo verbo pode representar diferentes processos em função do contexto.

Os processos materiais realizam as experiências externas, já os processos mentais realizam as experiências internas. Os relacionais fazem a ligação entre participantes e as caracterizações e identificações; os comportamentais realizam atitudes psicológicas e físicas dos usuários; os verbais efetuam o fazer linguístico em si; e os existenciais, por sua vez, realizam, de fato, a existência do participante envolvido no processo. Os processos também são levados em consideração para a classificação dos tipos de participantes que podem ocorrer em cada oração.

Já metafunção interpessoal trata-se do modo como acontece a interação, é a relação entre falante/escritor e ouvinte/leitor. Essa metafunção representa a propriedade que a linguagem tem de estabelecer trocas e relações entre os falantes. A metafunção interpessoal será exposta em uma seção à parte visto que é foco para a presente pesquisa.

A terceira metafunção é a textual, responsável pela organização estrutural das outras metafunções. É ela que permite que as metafunções ideacional e interpessoal se realizem na forma de texto, ou seja, a metafunção textual organiza a própria linguagem em um significado lógico. Essa organização parte da escolha que fazemos do elemento que ocupa a posição inicial da oração enunciada, esse elemento é denominado de Tema ou ponto de partida na gramática sistêmico-funcional.<sup>1</sup> Do ponto de vista da metafunção textual, a oração divide-se, então, em duas partes: o início da oração, o Tema, e o restante, que é chamado de Rema. Tanto o tema quanto o rema demonstram as intenções comunicativas do enunciador, este apresenta a informação mais importante, aquele orienta a compreensão e interpretação dos leitores/ouvintes para a informação que virá em seguida.

O tema de uma oração pode ser ideacional, interpessoal e textual. O tema ideacional é aquele realizado pelos processos, participantes e circunstâncias. O tema ideacional é obrigatório e, caso haja somente ele, é classificado como simples. Se houver outro tema além do ideacional, o tema recebe o nome de múltiplo. Os outros dois tipos de temas são opcionais e usados com a finalidade de obter-se uma comunicação mais eficiente. O tema interpessoal ocorre quando a oração é iniciada

---

<sup>1</sup> Nome dado ao modelo de descrição e análise linguística desenvolvido desde a década de 50 do séc. XX por Halliday. Ela é sistêmica porque é vista como um sistema de escolhas potenciais; e funcional porque procura explicar as implicações comunicativas de uma seleção dentro de um desses sistemas.

por uma das marcas de modalidade, como por exemplo um advérbio modal. Já o tema textual ocorre quando a oração é iniciada por um organizador discursivo, como uma conjunção.

A organização desses temas dentro de um texto, além de expor as intenções do emissor, estabelece a coesão e coerência, fazendo com que o receptor não perca o foco discursivo. Essa organização chama-se progressão temática.

Passaremos a tratar da metafunção interpessoal, objeto de estudo da presente pesquisa.

### **1.1 A metafunção interpessoal**

Para Halliday (1994), a linguagem se organiza em torno de um propósito, satisfazendo as necessidades humanas. Assim, a linguagem, além de representar os fatos da realidade, possibilita, também, a interação social entre as pessoas. É através da linguagem que expressamos opiniões e atitudes, produzindo significados. Na interação, o falante exerce papéis sociais que são mediados pela linguagem. A metafunção interpessoal é realizada exatamente nos usos da língua como troca entre os participantes da interação.

Na perspectiva da sistêmico-funcional, a troca de valores entre os participantes da interação pode ser de dois tipos: troca de informações ou troca de bens e serviços.

Na troca de informações, a linguagem é o próprio elemento a ser trocado, assim, quando a língua é usada para essa troca de informações, a oração é chamada de proposição. Já na troca de bens e serviços, a linguagem é instrumento de comunicação utilizado para solicitar uma atitude ou uma ação do interlocutor. Neste caso, a oração é chamada de proposta.

Tanto em proposições quanto em propostas, o falante/escritor usará as marcas linguísticas que melhor atenderão e explicitarão suas intenções, como advérbios, adjetivos, verbos modais etc.

Na gramática sistêmico-funcional, o sistema MODO manifesta os significados interpessoais e realiza, no nível léxico-gramatical, as proposições e as propostas.

Nesse sistema, a oração é organizada em dois componentes básicos denominados de Modo e Finito.

O Modo é constituído de sujeito – que apresenta conceito semelhante ao da gramática tradicional – e finito – realizado pelas desinências e auxiliares verbais, sendo a parte que carrega em si o tempo ou a opinião do falante. Já o Resíduo seria tudo aquilo que não é Modo. Abrange, além do verbo, os complementos verbais, predicadores e adjuntos.

Na gramática tradicional, o modo indica declaração, interrogação e ordem, e os modos verbais: indicativo – que expressa certeza –, o subjuntivo – que expressa dúvida – e imperativo – que expressa uma ordem ou pedido. Na gramática sistêmico-funcional, o modo, além de estar relacionado ao tipo de oração selecionada para expressar algo, é, também, parte responsável pela indicação discursiva do emissor.

O Modo realiza-se por meio de recursos interpessoais de polaridade e modalidade. Segundo Halliday (1994), a polaridade diz respeito à escolha entre positivo e negativo, em resposta do tipo sim/não. Já a modalidade expressa significados relativos ao julgamento do falante/escritor em quatro possibilidades: probabilidade, usualidade, obrigação e inclinação. O conceito de modalidade apresentado por Halliday será exposto de forma mais detalhada no próximo capítulo.

As três metafunções apresentadas por Halliday manifestam-se em qualquer gênero, uma vez que há sempre uma relação entre os gêneros textuais e as marcas léxico-gramaticais que neles surgem. Como em textos argumentativos há a forte intenção do enunciador de convencer seu interlocutor, a metafunção interpessoal fica mais evidente.

De acordo com a perspectiva sistêmico-funcional, as três metafunções da linguagem formam a base da organização gramatical. A multifuncionalidade serve, então, como principal instrumento para uma interpretação funcional da linguagem. Conforme foi dito anteriormente, esses conceitos são essenciais para a LSF e são muito mais complexos do que foi apresentado aqui. Acreditamos, entretanto, que esse breve estudo nos oferece subsídios suficientes para analisarmos as marcas de modalidade nas cartas do leitor sob essa perspectiva. Passaremos, agora, a tratar do estudo da modalidade.

## 2 MODALIDADE

Os estudos sobre a modalidade apresentam uma grande diversidade de áreas interessadas e de abordagens teóricas. A depender da perspectiva e abordagem de cada autor, uma série de definições distintas podem ser atribuídas à modalidade. Essa diversidade de definições vai desde um ponto de vista mais próximo da lógica, até uma perspectiva mais pragmática.

Em meio a tantas definições, a modalidade pode ser entendida como um recurso que revela a atitude do enunciador perante o enunciado que produz. Tal recurso permite que o locutor se preserve através de atenuações e ressalvas, e, até mesmo, diminua sua responsabilidade em relação ao que enuncia (NEVES, 2011).

Modalizar é marcar o grau de comprometimento e engajamento do enunciador em relação ao que diz, fornecendo “pistas” aos interlocutores sobre suas intenções comunicativas por meio de elementos linguísticos diretamente ligados ao evento de produção do enunciado. Esses elementos funcionam como indicadores das intenções, sentimentos e atitudes do locutor em relação ao discurso e caracterizam os tipos de atos de fala que se deseja desempenhar (NEVES, 2011).

Na estruturação do discurso, a relação entre enunciados é frequentemente projetada a partir dessas relações de modalidade, donde se depreende a sua importância pragmática. A modalidade pode, então, ser considerada como parte da atividade ilocucionária, sendo motivada pelo jogo da produção e do reconhecimento das intenções do enunciador.

### 2.1 Aspectos gerais da modalidade em obras de referência

Ao se apropriar da língua, o locutor procura usar marcas linguísticas que apontem, em seu discurso, suas intenções e pontos de vista sobre determinado assunto. Entre essas marcas linguísticas está a modalidade, que, inicialmente estava vinculada à lógica modal. A noção de modalidade ultrapassou o campo da lógica e adentrou o âmbito linguístico. Dessa forma, a modalidade passou a ser investigada como uma categoria discursiva.

Quando tratamos da categoria discursiva modalidade, a primeira questão que se apresenta em relação a esse conceito é a distinção entre os termos modalidade e modalização. Esses termos apresentam uma grande variação de sentido a depender do autor, e seus conceitos ainda não estão definidos, ou, pelo menos, não podemos assegurar que haja pacificidade de opiniões entre os teóricos que se preocupam com tal estudo. Vale ressaltar que, na presente pesquisa, os termos modalidade e modalização foram tratados de acordo com a perspectiva sistêmico-funcional.

Segundo Castilho (2002), a modalidade seria a estratégia que apresenta o conteúdo proposicional numa assertiva – afirmativa ou negativa; interrogativa – polar ou não polar; e jussiva – imperativa ou optativa. Já a modalização seria a estratégia utilizada pelo falante para expressar o seu relacionamento com o conteúdo proposicional, avaliando seu teor de verdade ou expressando o seu julgamento. Castilho considera, no entanto, essa distinção especiosa, alegando que “sempre há uma avaliação prévia do falante sobre o conteúdo da proposição que ele vai veicular, decorrendo daqui suas decisões sobre afirmar, negar, interrogar (...) etc.” (2002, p.201). Assim, trata modalidade e modalização indiferentemente, como sinônimos.

Castilho (2002), assim como Neves (2011), divide a modalização em três tipos: modalização epistêmica, modalização deôntica e modalização afetiva. A primeira expressa uma avaliação sobre o valor de verdade e as condições de verdade da proposição; a segunda indica que o locutor considera o conteúdo da proposição como algo obrigatório, havendo, portanto, a necessidade de realização. Já a modalização afetiva está relacionada à reação emotiva do falante em função do conteúdo proposicional.

Outra perspectiva sobre modalização é a de Koch (2011). De acordo com a linguista, a modalização é um processo desencadeado pela própria enunciação na medida em que os interlocutores, o momento e o espaço contribuem para a sua ocorrência. Segundo a autora, o falante inscreve o seu posicionamento no enunciado por meio de atos ilocutórios de lexicalização através de elementos lexicais denominados de operadores modais. A autora apresenta três tipos de modalidade: modalização alética, modalização epistêmica e modalização deôntica.

A modalização alética retoma, em parte, a lógica clássica e diz respeito à verdade do conteúdo das proposições. Já a modalização epistêmica está relacionada ao eixo das crenças, dos saberes, é representada pelo julgamento que o

locutor faz de um estado de coisas, desencadeando noções como certeza, incerteza, possibilidade e impossibilidade. Por último, a autora apresenta a modalização deôntica, que está ligada ao eixo da conduta, dos valores, expressando, em um enunciado, noções como necessidade, proibição, obrigatoriedade.

Pinto (1994) insere a modalização no que denomina de dispositivos enunciativos pelos quais o locutor cria, de acordo com seus interesses, um conjunto de referências. Esses dispositivos enunciativos são representados pela modalização da enunciação, pela modalização do enunciado e pelas modalidades da mensagem.

A modalização da enunciação diz respeito às operações enunciativas que projetam no enunciado a forma de interação que o locutor pretende estabelecer com o interlocutor, assim a modalidade atinge todo o enunciado. Já a modalização do enunciado diz respeito ao valor que o locutor atribui aos estados de coisas que descreve. Esse tipo de modalização refere-se ao grau de comprometimento do locutor com o seu enunciado. Neste caso, Pinto (1994) aproxima-se da lógica ao fazer referência às modalidades aléticas, epistêmicas e deônticas. Além desses dois tipos, o autor reconhece ainda as modalidades da mensagem que dizem respeito a determinadas operações de organização estrutural, aplicadas pelo emissor durante o processo de produção de um enunciado. As operações incluídas nesta categoria são a proposição e a predicação, a topicalização, a focalização, a impessoalização, a redução de actantes e hierarquização. Segundo Schlee (2008), as operações descritas acima estão ligadas à estrutura do texto e, por isso, integram, na abordagem sistêmico-funcional, a metafunção textual.

### 2.1.1 A modalidade na abordagem de José Carlos de Azeredo

Azeredo (1990) apresenta uma abordagem funcional da língua ao discutir as relações entre a linguagem, o contexto social e os interesses discursivos dos usuários da língua. Em *Iniciação à sintaxe do Português*, o autor descreve alguns aspectos da linguagem como um meio dinâmico de expressar, intencionalmente, um sentido.

Segundo o autor,



O discurso se situa, inevitavelmente, no ponto de tensão entre dois polos: a individualidade criativa do locutor/enunciador e o conjunto de variáveis que, externas a ele, limitam, condicionam ou afetam de diversos modos a enunciação: *o código linguístico, o interlocutor, o tempo, o espaço, a situação social, o conteúdo, crenças e valores culturais, o texto em processo, outros textos* (1990, p.121).

Dentre esse conjunto de variáveis, o interlocutor destaca-se por se tornar “cúmplice” do locutor, no ato da enunciação, ao agregar um valor referencial a unidades linguísticas vazias de significação antes da apropriação do discurso, ou, até mesmo, em relação a pressupostos necessários para o entendimento do que está sendo enunciado, decodificando informações implícitas, inferindo.

Tomaremos, para fim de exemplificação, uma carta retirada do *corpus* da presente pesquisa. A carta foi publicada no jornal O Globo em 23/05/2105.

Menores e a Justiça

“Polícia civil apreende adolescente suspeito de esfaquear ciclista em cartão-postal.” Tradução: Polícia detém psicopata que esfaqueou friamente um cardiologista dedicado a um hospital público, pai de família honesto e pagador de impostos. Gente boa que morreu barbaramente apesar de não reagir ao assalto. Algum Fórum vai liberar o “adolescente”, que, em breve, voltará às ruas e ao crime. Mudem as leis. O “de menor” é um assassino cruel. Ofereçam segurança à população sem demagogia eleitoral. E prestem solidariedade à família do cardiologista. Ao bandido, não. **Letícia Dornelles – Rio**

A carta remete, de forma implícita, ao caso do médico Jaime Gold, que foi esfaqueado por um menor, quando andava de bicicleta na Lagoa Rodrigo de Freitas, na Zona Sul do Rio. O caso aconteceu alguns dias antes da publicação da carta. O locutor pretendia que seus interlocutores pressupusessem o caso do latrocínio ao qual ele faz menção e compreendessem a informação sobre o local do crime ao denominá-lo como “cartão-postal”. Outro assunto implícito apresentando na carta foi a recente discussão sobre a redução da maioria penal para 16 anos, que estava em pauta na época. O leitor-autor usa o termo “barbaramente” para marcar juízo de valor em relação ao ato prático. O termo “adolescente”, colocado na carta entre aspas, indica ironia e os verbos que aparecem no modo imperativo, “mudem”, “ofereçam” e “prestem”, conclamam as autoridades a uma tomada de atitude.

Azeredo (1990) expõe que as variáveis apresentadas materializam-se ou influenciam um discurso através de alguns procedimentos. O autor agrupa esses procedimentos em três categorias discursivas: a modalidade, que se refere às

relações entre interlocutor e conteúdo; a referência, que se refere às relações entre tempo e espaço; e a polifonia, que trata das relações com outros textos/discursos.

A modalidade, segundo Azeredo (1990, p.122), “diz respeito à expressão linguística de dois aspectos: (a) as apreciações do locutor sobre o conteúdo proposicional das orações e (b) seus interesses e intenções quanto às tarefas da enunciação.”

Diferentes recursos linguísticos podem expressar a modalidade. Azeredo (1990) lista esses recursos de acordo com os aspectos por ele apresentados. As apreciações do locutor sobre o conteúdo proposicional são transmitidas por meio de:

(a) sintagmas adverbiais ou preposicionados –

Ex.: “Se a escala dos crimes praticados pelos menores cresce **assustadoramente**,<sup>2</sup> o direito de ir e vir consagrado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (...)”

(b) predicadores seguidos de que + oração ou justapostos no enunciado –

Ex.: “**É notória**<sup>3</sup> a incapacidade da ANS de monitorar adequadamente os preços praticados pelos planos de saúde (...)”

(c) verbos modais –

Ex.: “Todos os dias vemos milhares de escândalos de corrupção no país, e **parece**<sup>4</sup> que as figurinhas continuam as mesmas.”

(d) modos do verbo –

Ex.: “Aceito o papagaio que **fala**,<sup>5</sup> mas prefiro um que cante também.”

(e) marcadores de foco –

Ex.: “**Eis que**<sup>6</sup> a mandatária da nação convoca auxiliares para o trabalho em pleno domingo para decidir cortes do orçamento.”

(f) empregos modais dos tempos verbais –

Ex.: “A essa hora a notícia já **terá**<sup>7</sup> corrido a cidade inteira.”

(g) verbos que explicitam o ato praticado pelo locutor –

Ex.: “**Duvido**<sup>8</sup> se não iriam pensar duas vezes.”

(h) entoação –

Ex.: “Srs., **não dá!**”<sup>9</sup>

<sup>2</sup> Exemplo extraído da carta “Maioridade penal” presente na p.54 desta dissertação.

<sup>3</sup> Exemplo extraído da carta “Planos de saúde” presente na p.52 desta dissertação.

<sup>4</sup> Exemplo extraído da carta “Escândalos envolvem os mesmos políticos” presente na p.63 desta dissertação.

<sup>5</sup> Exemplo extraído da obra do próprio autor (Azeredo, 1990, p.122).

<sup>6</sup> Exemplo extraído da carta “Governo está perdido e não sabe o que fazer” presente na p.65 desta dissertação.

<sup>7</sup> Exemplo extraído da obra do próprio autor (Azeredo, 1990, p.122).

<sup>8</sup> Exemplo extraído da carta “Por leis mais severas na política brasileira” presente na p.62 desta dissertação.

Já os interesses e intenções do locutor quanto às tarefas da enunciação são expressos por meio de:

(a) predicados seguidos de infinitivo ou que + oração –

Ex.: “**É preciso**<sup>10</sup> atenção às perdas salariais dos aposentados (...)”

(b) verbos modais –

Ex.: “Do contrário, **deve**<sup>11</sup> ser negado (...)”

(c) verbos que explicitam o ato praticado pelo locutor –

Ex.: “Diante do aumento do número de crimes, **proponho**<sup>12</sup> aos políticos que são a favor do desarmamento (...)”

(d) modos do verbo –

Ex.: “Precisamos que a rua **seja**<sup>13</sup> mais iluminada (...)”

(e) entoação –

Ex.: “**E os planos petistas nada sofrem?**”<sup>14</sup>

## 2.2 O conceito de modalidade na perspectiva sistêmico-funcional

A categoria discursiva modalidade está diretamente vinculada à metafunção interpessoal de Halliday e terá grande importância na análise das cartas do leitor.

Para Halliday (1994), qualquer uso que fazemos do sistema linguístico é funcional em relação às nossas necessidades de convivência em sociedade, por isso, ao usarmos a linguagem, estamos sempre fazendo escolhas dentre as possibilidades que nos são disponibilizadas pelo sistema linguístico.

Usaremos, portanto, o conceito de modalidade na perspectiva da sistêmico-funcional para a presente pesquisa.

Para a teoria sistêmico-funcional, as reações e opiniões podem se situar em níveis intermediários entre os polos negativo e positivo. De acordo com Halliday (1994), a polaridade – que diz respeito à escolha entre o positivo e o negativo – e a modalidade são componentes dos enunciados em geral. Assim, todas as línguas

<sup>9</sup> Exemplo extraído da carta “A conta” presente na p.49 desta dissertação.

<sup>10</sup> Exemplo extraído da carta “Aposentados” presente na p.53 desta dissertação.

<sup>11</sup> Exemplo extraído da carta “Reajuste justo” presente na p.56 desta dissertação.

<sup>12</sup> Exemplo extraído da carta “Bandidos são os culpados por crimes” presente na p.65 desta dissertação.

<sup>13</sup> Exemplo extraído da carta “Rua sem luz vira local de assaltos na Tijuca” presente na p.64 desta dissertação.

<sup>14</sup> Exemplo extraído da carta “A conta” presente na p.49 desta dissertação.

apresentariam a possibilidade de modalizar ou negar uma proposição, em si, afirmativa.

Halliday (1994) estabelece, então, uma relação entre polaridade e modalidade, pressupondo que as possibilidades de resposta a uma frase interrogativa não seriam, somente, sim e não. Há, naturalmente, graus intermediários para responder, que são exatamente a modalidade.

A modalidade é um recurso interpessoal usado para expressar significados em relação ao julgamento do falante em diferentes níveis. Refere-se a como os interlocutores assumem uma posição, manifestam opiniões ou fazem algum julgamento.

Na perspectiva sistêmico-funcional, *dar* e *solicitar* são dois papéis fundamentais da fala. O primeiro termo significa “convidar a receber”; o segundo, “convidar a dar”. Dessa forma, o falante/escritor, além de realizar algo para si, demanda, também, algo do seu interlocutor.

Nesse sentido, dois valores podem ser trocados nessa interação: informações ou bens e serviços. Como já foi dito no capítulo anterior, na troca de informações, a própria linguagem é o objeto de troca entre aqueles que participam da interação. O falante/escritor solicita ao seu interlocutor que negue, afirme ou forneça alguma informação ausente, criando, assim, a expectativa de que o ouvinte/leitor entenda o que foi enunciado ou responda à pergunta (Halliday, 1994). Já na troca de bens e serviços, a linguagem é usada para solicitar uma atitude e/ou um comportamento do interlocutor, com a finalidade de que o interlocutor faça aquilo que é enunciado.

Halliday (1994), a partir desses conceitos de valores trocados na interação, divide as orações em dois tipos semânticos: as proposições, quando há troca de informações e as propostas, quando há troca de bens e serviços.

A noção de modalidade está relacionada à distinção entre proposições (informações) e propostas (bens e serviços). Para Halliday (1994), existem dois tipos de modalidade: modalização e modulação.

A modalização, também denominada de modalidade epistêmica, ocorre em proposições. Já a modulação, chamada também de modalidade deôntica, ocorre em propostas. Tanto na modalização quanto na modulação, o falante/escritor fará uso de marcas linguísticas como advérbios, verbos modais, orações principais de orações substantivas entre outros, para explicitar ou não suas intenções.

Na modalização, as proposições podem indicar probabilidade ou usualidade.

(a) “**É possível**<sup>15</sup> que surjam grupos de justiceiros.”

No caso da modulação, a troca entre bens e serviços pode indicar obrigação e inclinação. Em comandos, indica o grau de obrigatoriedade que o falante/escritor quer estabelecer com o seu interlocutor. Já em ofertas, indica o grau de inclinação do falante/escritor em relação à oferta.

(b) “**É necessário**<sup>16</sup> que se tomem atitudes contra o trânsito da Rua Noronha Torrezão, em Niterói.”

Segundo Halliday (1994), a modalidade ainda pode expressar o valor do julgamento que está sendo emitido pelo falante: alto, médio ou baixo. Quanto mais alto o valor, mais próximo do polo positivo, quanto mais baixo, mais próximo do polo negativo. O valor dá ao ouvinte/leitor a noção do comprometimento do falante/escritor com a validade do que é dito.

A modalidade concretiza-se na língua em uso, dentro de seu contexto. Assim, o estudo desta categoria discursiva é de extrema importância para entendermos a interferência do falante/escritor sobre aquilo que é enunciado.

---

<sup>15</sup> Exemplo extraído da carta “Maioridade” presente na p.57 desta dissertação.

<sup>16</sup> Exemplo extraído da carta “Martírio em trânsito de rua em Niterói” presente na p.59 desta dissertação.

### 3 ESTUDO DO GÊNERO TEXTUAL CARTA DO LEITOR

#### 3.1 Breve panorama dos estudos dos gêneros textuais

O interesse pelo estudo dos gêneros, no Brasil, tem aumentado significativamente, sobretudo após a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, doravante PCN, base desenvolvida pelo governo federal com o objetivo de apontar referências unificadas em todas as disciplinas. No caso de Língua Portuguesa, foi adotada a perspectiva de língua como um sistema de signos históricos e sociais que dão ao homem a possibilidade de significar o mundo e a realidade e interagir socialmente.

Ainda de acordo com os parâmetros, todo texto se organiza dentro de um determinado gênero e a linguagem só pode ser analisada em funcionamento, portanto cabe à escola viabilizar o contato dos alunos com os textos que circulam socialmente, por isso a proposta dos PCN é que se trabalhe com os mais diferentes gêneros textuais. A partir dessa proposta, surgem cada vez mais, relevantes pesquisas sobre o assunto e torna-se notável a diversidade de conceituação, de campos científicos e de profissionais interessados no tema.

Segundo os pressupostos bakhtinianos, o gênero é um tipo de enunciado relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico. A partir de suas postulações, baseadas na perspectiva de que a linguagem possibilita a construção social da realidade e a interação entre sujeitos, várias vertentes teóricas começaram a se ocupar desse tema.

De fato, os gêneros textuais são considerados como eixo central da própria linguagem por se tratarem de uma prática social cotidiana. É um fenômeno que se localiza entre a língua, o discurso e as práticas sociais (MEURER, 2005).

Por representarem usos da língua em situações comunicativas reais, o estudo dos gêneros textuais tornou-se um material substancial e bastante produtivo para abordagens de cunho funcionalista, em especial, a Linguística Sistêmico-Funcional, que leva em consideração os aspectos pragmáticos do uso da língua, revelando as funções que o código linguístico desempenha nas sociedades. Dessa forma, os

sistemas representados por meio das metafunções viabilizam os significados linguisticamente representados (FERREIRA, 2010).

O conceito de gêneros foi bastante usado, na tradição ocidental, pela retórica e pela literatura com um sentido especificamente literário, para identificar os gêneros clássicos – o lírico, o épico e o dramático. A análise desses gêneros foi iniciada por Platão, que deu origem à tradição poética, firmou-se em Aristóteles, passando por Horácio e Quintiliano, atravessando também a Idade Média, o Renascimento e a Modernidade (MARCUSCHI, 2008).

No campo da retórica, Aristóteles sistematizou o estudo dos gêneros e a natureza do discurso. Segundo sua teoria, há três elementos que compõem um discurso – aquele que fala, aquilo sobre o que se fala e aquele a quem se fala. Sobre o *aquele com quem se fala*, há três tipos de ouvintes – o espectador, que olha o presente; a assembleia, que olha o futuro; e o juiz, que julga sobre coisas passadas. É a necessidade de adaptação a cada tipo de ouvinte que confere traços específicos a cada gênero, pois, de acordo com a pessoa a quem o locutor irá dirigir-se, a fala não será a mesma. Portanto, os atos dos três discursos também não serão os mesmos. O judiciário acusa ou defende, o deliberativo aconselha ou desaconselha e o epitídico censura (REBOUL, 1998).

Na Idade Média, a visão aristotélica sobre estratégias e estruturas dos gêneros foi desenvolvida amplamente, e ele distinguiu os conceitos de epopeia, tragédia e comédia. As três categorias de gêneros textuais pensadas por Aristóteles passaram a dizer respeito a categorias literárias que se ampliaram até entrarem em crise com a crítica do romantismo à estética clássica. Dessa forma, aos poucos, houve o abandono da teoria dos gêneros na reflexão literária (MARCUSCHI, 2005).

A noção de gênero, atualmente, transcendeu a Literatura e ampliou-se para cada produção textual. E a reflexão sobre a concepção de gênero não só é relevante como se faz necessária para apontar inúmeras formas de participação social que os usuários da língua podem ter ao fazer uso da linguagem, além de, também, ampliar sua competência linguística e discursiva.

Mikhail Bakhtin foi um dos precursores nos estudos de gêneros numa esfera mais ampla, incluindo, em sua abordagem, as situações de comunicação cotidianas e considerando os gêneros “como uma das forças sociais de estratificação da língua – uma das forças centrífugas – e defendendo o alargamento da noção de gênero para todas as práticas da linguagem e não só as de domínio da poética e da

retórica” (RODRIGUES, 2005). Ele se tornou uma referência para os estudos da linguagem em suas relações sócio-histórica e cultural, uma vez que, para o teórico, as relações entre linguagem e sociedade são indissociáveis.

Segundo Bakhtin, todos os textos que produzimos, sejam orais ou escritos, expõem um conjunto de características relativamente estáveis, ainda que de forma inconsciente. Tais características dão forma a diferentes gêneros discursivos, que, de acordo com a sua teoria, podem ser caracterizados por três aspectos coexistentes – o tema; o modo composicional, que diz respeito à estrutura; e o estilo, que diz respeito aos usos específicos da língua. Os aspectos que distinguem os gêneros não são somente formais, nem puramente linguísticos, mas também funcionais e pragmáticos.

Quando há uma situação de interação verbal, a escolha do gênero não é espontânea, pois é preciso levar em consideração uma série de aspectos da própria situação comunicativa: quem fala, o assunto, com quem se fala e com qual finalidade se fala. Esses elementos influenciam e direcionam as escolhas do locutor, que, numa escolha consciente ou não, opta por fazer uso do gênero mais adequado à situação, como se pode observar nas palavras de Bakhtin (2011, p.301-302):

Na conversa mais desenvolvida, moldamos nossa fala às formas precisas de gênero, às vezes padronizadas e estereotipadas, às vezes mais maleáveis, mais plásticas e mais criativas. (...) Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (a extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo, que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações. Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível.

Pode-se perceber, no trecho, que os gêneros textuais são práticas sociocomunicativas constituídas de determinado modo e função, realizadas em certas esferas da atuação humana, que nos possibilitam reconhecê-las e produzi-las. De acordo com Bakhtin (2011), possuímos um vasto repertório de gêneros textuais que abrangem tanto situações comunicativas orais quanto escritas, desde as formas cotidianas padronizadas até as mais livres, e que usamos, na prática, com segurança e destreza, mas cuja existência teórica ignoramos.



Para interagirem discursivamente, os usuários da língua precisam saber se expressar em diferentes situações, ou seja, precisam dominar gêneros de diferentes esferas sociodiscursivas. Sendo assim, os falantes moldam sua fala às formas dos gêneros e reconhecem os gêneros nos usos sociais. Esse domínio, baseado em esquemas mentais das situações, que as pessoas têm, ainda que não tenham consciência, dos gêneros é que possibilita a comunicação verbal, construída a partir de experiências sociais. Koch (2004) chama essa escolha, consciente ou não, do gênero mais adequado de *competência metagenérica*. Os indivíduos desenvolvem essa competência que lhes possibilita interagir de forma conveniente, na medida em que se envolvem nas diversas práticas sociais, possibilitando a produção de práticas comunicativas e também orientando a compreensão sobre os gêneros textuais efetivamente produzidos.

Como as possibilidades de realização da linguagem nas diferentes esferas da atividade humana são grandes devido às necessidades sociais, a diversidade de gêneros do discurso também é muito vasta, pois, como práticas sociocomunicativas, são dinâmicas e sofrem variações que, muitas vezes, resultam na origem de novos gêneros do discurso.

Como afirma Marcuschi (2008), os gêneros operam como uma forma legitimadora de discursos, em alguns contextos, por se situarem em uma relação sócio-histórica com fontes de produção que lhes sustentam além da justificativa individual. Assim sendo, ao dominarmos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística, mas sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares. De acordo com Bakhtin (2011), da mesma forma que a gramática organiza as formas linguísticas, os gêneros organizam a nossa fala e escrita, Marcuschi (2006) considera, portanto, os gêneros como uma espécie de “gramática social”.

Não raramente nos deparamos com situações em que as definições de gêneros e tipos de texto não ficam bem definidas e até se confundem, fato que, para Marcuschi, referência nas pesquisas sobre gêneros no Brasil, são noções que precisam ser claramente diferenciadas, de maneira que a noção de gênero não possa ser esvaziada da sua carga sociocultural, pois, embora esses conceitos não se apresentem de forma dicotômica, e sim complementar, e “sejam aspectos constitutivos do funcionamento da língua em situações comunicativas da vida diária” (MARCUSCHI, 2008), é fundamental a compreensão e distinção desses conceitos.

Assim sendo, adotaremos as postulações do próprio Marcuschi para esclarecer esses conceitos. O linguista compreende gênero como:

(...) textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas (MARCUSCHI, 2008, p.155).

E tipo textual como:

(...) uma espécie de construção teórica (em geral uma sequência subjacente aos textos) definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo). O tipo caracteriza-se muito mais como sequência linguística (sequências retóricas) do que como textos materializados; a rigor, são modos textuais (MARCUSCHI, 2008, p.154-155).

Marcuschi não só esclarece e define esses conceitos, como também vai além ao trazer o conceito de domínio discursivo:

(...) constitui muito mais uma “esfera da atividade humana” no sentido bakhtiniano do termo do que um princípio de classificação de textos e *indica instâncias discursivas* (por exemplo: discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso etc.). Não abrange um gênero em particular, mas dá origem a vários deles, já que os gêneros são institucionalmente marcados. Constituem práticas discursivas nas quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que às vezes lhe são próprios ou específicos como rotinas comunicativas institucionalizadas e instauradoras de relações de poder (MARCUSCHI, 2008, p.155).

Segundo Marcuschi (2008), as distinções entre gênero, tipo e domínio discursivo são operacionais. Para a noção de tipo textual, predomina a identificação de sequências linguísticas; para a de gênero, predominam critérios de padrões comunicativos, ações, propósitos e inserção sócio-histórica. No caso do domínio discursivo, lida-se com formações históricas e sociais, as quais originam os discursos. Sendo assim, os gêneros são entidades comunicativas dinâmicas, de complexidade variável, em que predominam os aspectos relativos a funções, propósitos, ações e conteúdos. São de natureza sociocomunicativa, pois se vinculam às práticas sociais, portanto, gênero é uma designação de uso. O que distingue um gênero de outro são suas características funcionais, e a distinção entre

os tipos textuais é linguística e estrutural, de modo que “os gêneros são designações sociorretóricas e os tipos são designações teóricas”.

As tipologias textuais destacam apenas as propriedades formais dos textos, sua estrutura, e às vezes sua função. Já os gêneros textuais permitem uma abordagem, para além dos aspectos estruturais presentes em um texto, também aspectos sócio-históricos e culturais, “cuja consciência é fundamental para favorecer os processos de compreensão e produção de textos” (BARBOSA, 2000).

Para uma perspectiva de gêneros centrada nas práticas sociais, é necessária uma abordagem que transcenda as características formais e estruturais, ampliando o foco para a análise do contexto. Assim, os gêneros devem ser observados pelo seu viés dinâmico, processual, social, interativo e cognitivo, uma vez que “o conhecimento humano é construído através de gêneros – linguagem usada em contextos recorrentes da experiência humana – socialmente compartilhados” (MOTTA-ROTH, 2006).

Para a LSF, texto e contexto estão interligados, quase como um conjunto indissociável, o que ratifica a importância do contexto para o estudo do texto. Segundo Halliday (1994), há o texto e há também outro texto que o acompanha, o contexto, que vai além do que é dito e escrito, ou seja, vai além do próprio texto em uma situação discursiva. O contexto é, portanto, o lugar onde o texto se desenvolve e deve ser interpretado. Embora o texto pareça ser constituído de palavras e sentenças, ele é feito de sentidos, é uma unidade semântica, por isso deve ser considerado como um produto e como um processo. Como processo pode ser considerado como um acontecimento interativo, como troca social de significados. Como produto é resultado, é objeto, instância de significado social em um determinado contexto. É um produto de um processo de escolhas que representam e constituem o sistema linguístico. É preciso, portanto, ver o texto como um evento interativo.

Um dos teóricos que também partilha esta perspectiva é Fairclough (2001), que evidencia a relação dialética entre texto e contexto, na medida em que a interpretação do texto – linguagem – depende da compreensão das condições do contexto – sociedade. Dessa forma, sociedade e linguagem constituem-se em uma relação mútua. Reforçando esta ideia, podemos trazer as palavras de Motta-Roth (2006), que postula, baseando-se em Eckert, que o foco da análise de gêneros é a linguagem como um sistema intersubjetivo que deve considerar fatores de natureza

social e individual, levando em consideração o papel da cultura que produz o texto, o sistema de valores e crenças que subjazem a ela, o significado que o contexto tem para os seus interlocutores dentre outros significados produzidos por meio do texto.

### **3.2 Os gêneros textuais na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional**

Para a presente pesquisa, adotou-se a perspectiva de gênero de Ruqayia Hasan (1989), que analisa a linguagem como um sistema sociosemiótico, por meio do qual o homem constrói sua experiência.

Os pressupostos de Hasan vão ao encontro da teoria da Linguística Sistêmico-Funcional, que concebe a linguagem como um sistema de significações que medeia a existência humana. Hasan adota essa visão para pensar o sistema de relações necessárias entre linguagem e contexto, destacando a necessidade de analisar os gêneros textuais no contexto de situação e de cultura em que se desenvolvem, já que estão relacionados às diversas situações sociais.

Os falantes podem utilizar um texto para expor, por exemplo, sua opinião acerca de determinado assunto que os afeta direta ou indiretamente. Cada texto é produzido a partir de um propósito comunicativo específico, que se relaciona diretamente ao contexto de produção, de consumo e de circulação como diz Fairclough (2001). E exatamente “por ser essencialmente interativo, o texto precisa ser analisado a partir do propósito e do processo de criação” (CABRALI & FUZER, 2014, p.24).

Segundo Hasan (1989), o gênero textual é a relação entre os contextos de situação, de cultura e a linguagem em uso, que exerce diferentes funções para servir a sociedade naquilo que ela precisar dentro de uma determinada cultura. Sendo assim, ela considera essencial, assim como Halliday (1994), o estudo da língua associado ao uso e aos contextos.

A linguagem apresenta inúmeras realizações e está condicionada não só a fatores linguísticos, como também a fatores extralinguísticos. Assim sendo, qualquer uso linguístico que se constitua em um texto está sempre relacionado a um determinado contexto. Dessa forma, cabe ao usuário da língua selecionar os elementos linguísticos adequados a determinadas situações, de maneira que a

linguagem, usada como instrumento de ação, materialize-se nessas escolhas linguísticas em que se deve considerar sempre o conjunto de variáveis contextuais que condicionam a comunicação. A relação entre o texto e o contexto é dialética: o texto cria o contexto e o contexto cria o texto, e assim, dessa relação, surgem significados. De acordo com Halliday, o texto está inserido em dois contextos: de situação e de cultura.

O contexto de situação está contido no texto por meio da relação entre o contexto e a organização da linguagem, é o ambiente imediato em que o texto está de fato funcionando. Ele é composto por três variáveis expressas por traços linguísticos particulares: campo, relação e modo. O campo refere-se à atividade realizada pelos interlocutores e à natureza da ação social que está ocorrendo com objetivo específico. Pode ser notado na escolha do vocabulário, por exemplo. A relação envolve os participantes e corresponde aos papéis exercidos por eles na comunicação, refere-se ao *status* dos participantes, ao seu papel, ou seja, indica a ligação entre os interlocutores, se há hierarquia entre eles e o grau de distanciamento e formalidade entre os envolvidos na comunicação. A variável modo refere-se à função exercida pela linguagem e ao veículo utilizado na situação. Diz respeito a que parte da linguagem está sendo representada, à situação do texto e a sua função no contexto, incluindo o canal, o retórico e o meio.

Segundo Hasan (1989), são os conceitos supracitados que constroem então o contexto de situação. Os participantes de uma cultura fazem uso da relação entre texto e situação, notando o que está acontecendo, reconhecendo as relações pessoais envolvidas e vendo o que está sendo realizado por meio da linguagem. O contexto de situação explica por que certas coisas são ditas ou escritas em ocasiões particulares.

O contexto de cultura, por sua vez, refere-se a um ambiente sociocultural mais abrangente, que inclui ideologia, instituições e convenções sociais. Ele é o quadro ideológico que atribui valor ao texto e limita ou expande sua interpretação. O contexto de cultura é constituído de práticas, valores e crenças recorrentes compartilhados em um determinado grupo social, é mais estável se comparado ao contexto de situação, que se constitui do entorno mais imediato em que o texto se insere. O conjunto compartilhado de contextos de situação constitui um dado contexto de cultura.

Baseada na noção de contexto de situação, Hasan (1989) sintetiza, em um modelo conceitual, as relações entre texto e contexto. Esse modelo une dois conceitos – configuração contextual e estrutura potencial do gênero – que oferecem possibilidades para a análise de diferentes gêneros.

A configuração contextual, doravante CC, é o conjunto de variáveis do contexto de situação de determinada interação comunicativa. Os valores contidos nessas variáveis – campo, modo e relação – permitem descrever o texto como expressão verbal de uma atividade social. São elas que permitem que os participantes prevejam qual texto é mais adequado a um dado contexto e propósito comunicativo.

O outro conceito que compõe a teoria de gênero de Hasan é o de estrutura potencial do gênero, doravante EPG. Segundo a linguista,

É possível expressar uma gama de elementos opcionais e obrigatórios que possibilitam definir uma estrutura textual em todos os textos pertencentes a um determinado gênero. Essa estrutura é apropriada a uma determinada configuração contextual. Em outras palavras, é possível afirmar que há uma estrutura potencial do gênero (1989, p.7).

A partir da configuração contextual pode-se reconhecer a EPG, pois, de acordo com Motta-Roth & Heberle (2005, p. 17), “a EPG constitui na expressão verbal de uma CC e, como tal, depende de determinado conjunto de valores associados ao campo, à relação e ao modo”. Assim, as variáveis preservam a reciprocidade com os elementos textuais opcionais e obrigatórios do “gênero formulados com uma EPG”.

Por considerar a língua em uso, contextualizada, a noção de gênero torna-se essencial para a LSF. Os conceitos até agora apresentados, em nossa pesquisa, são fundamentais para o estudo e a análise do gênero carta do leitor que será feito na seção a seguir.

### **3.3 O gênero textual carta do leitor**

A opção pela carta do leitor como objeto de análise da presente pesquisa deve-se ao fato de ser um gênero de caráter argumentativo evidente. Nela, pode-se

explorar a opinião do autor por meio de elementos linguísticos que são utilizados para realizar críticas, solicitações, elogios, agradecimentos etc. Esse gênero será discutido e, posteriormente, analisado a partir dos pressupostos da linguística sistêmico-funcional, cujo foco, devido ao teor argumentativo da carta do leitor, será a metafunção interpessoal.

A carta do leitor é um gênero que circula no contexto jornalístico em um espaço destinado às manifestações dos leitores, propiciando a interação leitor-veículo- outros leitores. Bezerra (2003) considera a carta do leitor um subgênero do gênero maior “carta”. Embora, para a autora, nem todas as cartas sejam da mesma natureza por terem funções comunicativas diferentes, todas têm algo em comum, que é dirigir-se a um interlocutor, a fim de agir sobre ele de diversas formas.

A carta do leitor, no entanto, distingue-se das cartas tradicionais pela abordagem direta ao assunto a ser discutido, por ser mais curta e por não apresentar saudações nem despedidas. Neste trabalho, portanto, a carta do leitor será considerada um gênero textual à parte, justamente pela função social específica de veicular a opinião do leitor acerca de temas atuais.

A partir dos variados gêneros, os falantes conhecem e refletem o que está acontecendo na sociedade, constituindo opiniões e transformando até mesmo suas relações interpessoais (RANGEL, 2008). Como bem coloca Marcuschi (2005), a dinâmica de formas e funções dos gêneros está relacionada à forma como os artefatos culturais e, em especial, os textos, circulam na sociedade. Nesse sentido, Meurer (2005) afirma que “as relações sociais dizem respeito às conexões, às dependências e aos entrelaçamentos interpessoais envolvendo os participantes do evento discursivo”.

A linguagem, na perspectiva sistêmico-funcional, é um modo de agir, dar e solicitar bens, serviços e informações; é um recurso para produzir e trocar significados, utilizada no meio social de maneira a qual o indivíduo possa desempenhar papéis sociais (HALLIDAY, 1994).

Nesse sentido, a carta do leitor é um gênero que se organiza em torno de um assunto que, em sua maioria, faz parte da pauta do veículo em que é publicada e que, portanto, de alguma forma, representa um interesse despertado na sociedade. Dessa forma, pode-se dizer que é um gênero em que o leitor, na condição de cidadão, transmite a outros leitores e ao veículo, sua indignação ou reflexão sobre um fato social julgado relevante para ser evidenciado.

A carta do leitor é um texto em que não há contato imediato entre os interlocutores, ou seja, os leitores, o leitor-autor da carta e a equipe do veículo não se conhecem, no entanto os diversos propósitos comunicativos como reclamar, opinar, solicitar, elogiar, entre outros, que têm como objetivo a exposição de um ponto de vista em relação a um acontecimento ou a algo publicado pelo jornal ou pela revista, materializam-se em um texto, ocorrendo, então, a interação, ainda que por meio de contato indireto.

Costa (2005) considera a carta do leitor um medidor que afere a adesão do público leitor em relação ao que é publicado no jornal e ao grau de sucesso dos artigos e das reportagens publicados pelo veículo, uma vez que os leitores escrevem suas opiniões, positivas ou negativas, sobre o que leram. A autora ainda ressalta a eficácia do gênero na divulgação de problemas, de queixas, críticas e denúncias, como, por exemplo, quando o leitor expõe publicamente empresas que prestam um serviço insatisfatório.

Embora a seção carta do leitor seja um espaço destinado a dar voz aos leitores para que eles manifestem suas opiniões, nem todas as cartas são publicadas, pois há sempre uma triagem e, nas cartas selecionadas pode haver ainda algum tipo de edição, seja por razões de espaço físico ou mesmo por direcionamento argumentativo em prol do veículo de comunicação. Dessa forma, pode-se dizer que o texto é elaborado em coautoria, uma vez que o leitor produz o texto original e o jornalista o reformula, resumindo, parafraseando ou até mesmo eliminando informações (BEZERRA, 2002).

O fato de o veículo selecionar as cartas demonstra a interferência dos meios de comunicação no espaço do leitor ou até uma certa manipulação, constituindo uma estratégia de *marketing* positiva, pois, ao editar as cartas, projeta uma imagem idealizada do leitor, conseguindo, em alguns casos, legitimar a imagem do veículo por meio da voz do leitor.

Esse gênero caracteriza-se, então, como uma forma de comunicação bastante difundida e, de certa forma, incentivada pelos meios de comunicação que desejam a interação com os leitores, que, por sua vez, desejam compartilhar suas ideias e opiniões.

Tendo em vista a importância do contexto para a LSF, passaremos agora para a caracterização do gênero carta do leitor nos veículos dos quais foram selecionadas as cartas do *corpus*.



### 3.3.1 A carta do leitor nos jornais *O Globo* e *O Dia*

Conforme dito anteriormente, a seção carta do leitor é um espaço que proporciona ao leitor expor seu ponto de vista a respeito de qualquer assunto, ou seja, caracteriza-se como uma ferramenta fundamental de manifestação de opinião para os cidadãos que pretendem questionar, criticar ou argumentar em relação a um determinado acontecimento. Esse espaço reforça os laços sociais entre os leitores e o veículo, mostrando a importância que se dá à voz dos leitores.

De acordo com Marcuschi (2008), os gêneros textuais não devem ser caracterizados somente pelo seu aspecto formal, mas também pelos seus aspectos sociocomunicativos e funcionais. Na maior parte das vezes, os textos classificados como carta do leitor apresentam forma e função semelhantes. O propósito comunicativo pode variar, os temas podem ser diferentes e o público-alvo também, no entanto, trata-se de uma situação comunicativa na qual os interlocutores não estão face a face, mas mantêm suas identidades psicológicas e sociais. A carta do leitor, geralmente, constitui-se de uma exposição crítica, quase sempre emotiva, sobre um fato de conhecimento público.

Geralmente, o leitor que escreve para uma seção de carta do leitor tem um perfil colaborativo, participativo e engajado politicamente. Busca se destacar dos demais ao desejar que a sua mobilização, ao escrever, cause impacto e seja relevante para os outros leitores, ainda que saiba que o conjunto de interlocutores a quem se dirige é indeterminado e heterogêneo. Ele se coloca como um porta-voz da opinião pública, critica acontecimentos buscando, implicitamente, a adesão dos outros leitores. É um leitor que tem consciência de que, ao denunciar ou expor juízos de valor, pode até não ter força suficiente para mudar de fato uma realidade, no entanto, enxerga a sua atitude como um exercício de cidadania e civilidade, ou seja, uma atuação democrática.

Ao escrever, o leitor-autor da carta emprega recursos como expressões estereotipadas, perguntas retóricas, modalizações, intertextualidade, argumentos de autoridade, relações de causa e consequência, entre outros. Esses recursos

constituem ferramentas fundamentais que auxiliam na expressão do pensamento argumentativo.

A seção em que são publicadas as cartas dos leitores no jornal *O Globo* chama-se *Dos Leitores*. É uma seção publicada diariamente no primeiro caderno do jornal. O jornal *O Globo* é o periódico mais relevante do Rio de Janeiro e atualmente é o terceiro mais lido no país. O público-alvo do jornal localiza-se nas classes mais elitizadas e com nível de escolaridade alto. *O Globo* se declara como uma ferramenta de acesso ao entretenimento e à cultura. As cartas podem ser enviadas à redação do jornal, pelo correio, ou por *e-mail*, e devem ser identificadas com o nome do autor, endereço completo, endereço eletrônico caso seja enviada pelo *site* e um telefone para contato. Diariamente, são publicadas em torno de 15 cartas, e, em alguns casos, são organizadas por temas.

Já no jornal *O Dia*, também do Rio de Janeiro, a seção chama-se *Conexão Leitor* e são publicadas diariamente em torno de 8 cartas. Além das cartas enviadas à redação via Correios ou por *e-mail*, a seção conta com subseções em que os leitores podem publicar suas mensagens via redes sociais ou até mesmo publicar fotos para denunciar algum acontecimento relevante. Trata-se de um jornal um pouco mais popular, com um público-alvo de leitores residentes em áreas menos privilegiadas da cidade. O periódico tem o objetivo de falar de perto com o cidadão carioca, tratando de temáticas relacionadas ao cotidiano e à prestação de serviços.

Como também já foi dito anteriormente, a presente pesquisa está embasada nos preceitos da Linguística Sistêmico-Funcional, sendo assim é fundamental que analisemos os contextos de cultura e de situação em que estão inseridas as cartas do leitor dos jornais *O Globo* e *O Dia*.

Seguem dois exemplos para que as variáveis do contexto de situação sejam analisadas.

*O Globo* – 26/05/2015

Menores no Crime

A óbvia (mas ignorada) obrigação constitucional de prover educação a todos não dispensa a necessidade de punir aqueles que cometem crimes hediondos. São duas frentes de ação distintas, e o Estado falha em ambas: não educa ou reprime, estimulando a criminalidade juvenil e deixando a sociedade à mercê de jovens delinquentes.

Vladimir Moreyra Duarte – Miguel Pereira, RJ.

*O Dia* – 13/04/2015

Jovens de 16 anos são ou não maduros?

Se jovens de 16 anos não têm maturidade para assumir os crimes que cometem, também não têm maturidade para votar e eleger o Congresso que estabelece as leis. Nem para eleger o presidente da República que nos governa. Ou são maduros para tudo aos 16 anos, ou não são para nada. Idades distintas para a maturidade é uma completa incoerência.  
Ronaldo Gomes Ferraz – Por e-mail.

Nos dois exemplos, pode-se perceber que o leitor se coloca como alguém com capacidade para avaliar uma situação de conhecimento geral e relevância social – a discussão sobre a redução da maioridade penal.

Em relação à variável *campo*, pode-se afirmar que a natureza da ação social de ambos os textos é avaliar, comentar, criticar e opinar sobre um assunto relevante. Ainda que de uma forma implícita, há uma busca de concordância dos outros leitores em relação a juízos de valor expressos.

No que se refere à variável *relação*, identificam-se três participantes: o leitor-autor, os leitores dos jornais e o veículo, representado pelos editores da seção. Mesmo o editor tendo o poder de selecionar e até alterar os textos, a hierarquia entre ele e o leitor-autor não é tão grande, visto que esse leitor-autor se coloca numa posição de capacidade de debater alguns temas ao se julgar hábil na tarefa de escrever. Detentor de conhecimento, no seu ponto de vista, assume que as opiniões que veicula são relevantes, por isso se propõe a publicá-las.

Já a relação entre o leitor-autor e os outros leitores apresenta uma distância hierárquica maior, na medida em que o leitor-autor tem interesse de buscar a adesão desses leitores ao se posicionar frente a reportagens, notícias, fatos etc.

Quanto à variável *modo*, o papel da linguagem é constitutivo, visto que o texto é escrito e o canal utilizado para a transmissão da mensagem é o gráfico.

Como foi possível notar, os dois textos possuem as mesmas características referentes às variáveis do contexto de situação. Já o contexto de cultura não é o mesmo. Embora as cartas tenham sido produzidas e reproduzidas em uma mesma cidade e em um mesmo momento histórico, há uma diferença de classe social e engajamento político entre os leitores dos dois periódicos, o que ficará evidente nas análises das cartas.

A carta do leitor, como gênero, é um importante material para a análise discursiva em sala de aula, pois trata de assuntos cotidianos que dizem respeito à vida do cidadão. O estudo do gênero, sobretudo como atividade pedagógica, pode ser um eficiente meio de desenvolvimento de leitores críticos tanto no que se refere

a fatos da língua como a reflexões que nos identificam como pertencentes a uma cultura.

## 4 METODOLOGIA

Os fundamentos teóricos adotados na presente pesquisa baseiam-se na importância do contexto na análise dos fenômenos linguísticos. Optamos pela abordagem sistêmico-funcional, que se mostrou bastante adequada, uma vez que procura dar conta da língua em uso. De acordo com Halliday e Hasan (1989), estudiosos em cuja teoria a pesquisa foi fundamentada, a linguagem é entendida em sua relação com a estrutura social, havendo, portanto, uma incorporação da dimensão social aos estudos linguísticos.

Para a LSF, a linguagem tem caráter social, está imbricada na sociedade, ou seja, só existe pela aplicação social. Ela parte do princípio de que os fenômenos linguísticos sejam estudados dentro de seus contextos de uso. Assim, gramática e uso são indissociáveis, uma vez que não há língua desconectada do seu uso.

O objetivo da nossa pesquisa é analisar as ocorrências de modalidade no gênero carta do leitor, estudadas sob a perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional. Para analisarmos as marcas de modalidade presentes nas cartas, trabalharemos com a metafunção interpessoal, pois essa abordagem nos permite analisar as estruturas linguísticas relacionadas às necessidades sociais e pessoais que contextualizam a realização da comunicação, permitindo uma nova visão dessas estruturas.

Neste capítulo, apresentaremos, primeiramente, uma descrição do *corpus* utilizado. Em seguida, serão expostos os procedimentos empregados na análise.

### 4.1 **Corpus**

#### 4.1.1 Descrição do *corpus*

Nosso estudo fará uma análise qualitativa e quantitativa das ocorrências de modalidade em cartas do leitor publicadas em dois jornais de grande circulação. Foram selecionadas 30 cartas, sendo 15 cartas do jornal *O Globo* e 15 cartas do

jornal *O Dia*, ambos publicados no Rio de Janeiro. Todas as cartas foram retiradas da versão impressa dos jornais.

Optou-se pelos jornais *O Globo* e *O Dia*, por serem periódicos de grande circulação no Rio de Janeiro e atingirem a públicos diversos do ponto de vista socioeconômico.

As cartas selecionadas foram publicadas entre março e agosto de 2015. Não foi feita uma seleção temática, no entanto em muitas cartas os temas se repetiram devido aos acontecimentos do período da seleção.

#### 4.1.2 Ocorrências

Nosso estudo qualitativo e quantitativo apresentará um levantamento de todas as marcas de modalidade presentes nas 30 cartas selecionadas. Todos os resultados quantitativos foram obtidos manualmente. Nenhuma ferramenta computacional foi utilizada para esse fim.

Para fins de identificação das ocorrências de modalidade nas cartas do leitor, partiu-se da listagem apresentada por José Carlos de Azeredo (1990) em sua *Iniciação à Sintaxe do Português*. A opção por esse autor deveu-se ao fato de ele apresentar de maneira didática as marcas de modalidade recorrentes em Língua Portuguesa, já que a bibliografia que serve de base à pesquisa trata da Língua Inglesa.

Dentre as marcas listadas por Azeredo (1990), as conjunções não foram objeto de nossa pesquisa pelo fato de atrelarmos essa categoria linguística à metafunção textual e não à metafunção interpessoal, foco de nossos estudos.

De acordo com Azeredo (1990), a modalidade é uma grande categoria discursiva que diz respeito à expressão linguística das intenções e pontos de vistas do enunciador. É pelas marcas linguísticas de modalidade que o enunciador inscreve no enunciado seus julgamentos e opiniões sobre o conteúdo que está sendo dito/escrito, assim, fornece ao seu interlocutor as instruções para o reconhecimento do efeito de sentido que pretende produzir. Percebe-se que essa visão confirma a perspectiva de modalidade apresentada pela LSF, como podemos observar nas palavras de Halliday: “uma das funções da linguagem é proporcionar

interação entre pessoas, permitindo a manifestação de condições sociais, atitudes individuais e sociais, avaliações, julgamentos e coisas que tais; e isso inclui participação na interação lingüística” (1976, p.154).

Azeredo (1990) propõe, então, uma divisão das marcas de modalidade em dois aspectos: (a) as apreciações do locutor sobre o conteúdo proposicional das orações; e (b) seus interesses e intenções quanto às tarefas da enunciação, conforme já apresentamos no segundo capítulo desta dissertação.

## 4.2 Estrutura das análises

As análises qualitativas das cartas serão todas estruturadas da mesma forma. Primeiro, faremos um breve resumo da carta, apresentando a data da publicação e, nos casos em que haja necessidade, contextualizaremos o tema. Posteriormente, apresentaremos uma tabela com as ocorrências já identificadas pelas marcas gramaticais seguidas da linha em que se encontram, as descrições e o tipo de modalidade – modalização ou modulação – nas palavras de Halliday (1994).

As 30 cartas selecionadas para compor o nosso *corpus* serão apresentadas no corpo do texto, precedendo os comentários interpretativos. Estarão, também, digitalizadas no anexo da dissertação.

Ao final da dissertação, apresentaremos os resultados quantitativos e qualitativos das análises feitas.

## 5 ANÁLISE DO CORPUS

Apresentamos, neste capítulo, as 30 (trinta) cartas do leitor seguidas de suas respectivas análises.

### 5.1 Jornal *O Globo*

#### 5.1.1 Menores no crime

Quanto menor o investimento na Educação, maior será a violência. Precisamos de boas escolas públicas, de melhores salários para os professores para evitar, lá na frente, a violência armada de facas, que mata os cidadãos de bem. É necessário que o Estado esteja atento e que se faça um cadastramento das famílias destes infratores e que a responsabilidade seja compartilhada com os pais. Que se criem mecanismos para ocupar estes menores em regime integral, proporcionando não só educação de base, mas também alimentação, esportes, música, visita aos museus e centros históricos, incentivando-os e contando com a participação das famílias. O amparo ao adolescente não deve ser a detenção por três anos, que não socializa coisa alguma. Apenas cria presos sem horizontes. **Marta Cardoso – Rio.**

A carta *Menores no crime*, da leitora Marta Cardoso, foi publicada no dia 23/05/2015. Na ocasião, estava em pauta, no Brasil, a discussão sobre a redução da maioridade penal para 16 anos, no caso de crimes hediondos. A leitora-autora se posiciona sobre o assunto, alegando que, enquanto não houver investimento no setor de Educação, haverá cada vez mais o aumento da violência. Para Marta, é necessário que Estado e família se responsabilizem por esses menores, sobretudo, os infratores, que, segundo ela, devem ser verdadeiramente integrados à sociedade.

#### Ocorrências:

Marca gramatical	Descrição	Tipo de modalidade
Precisamos (linha 1)	Verbos modais	Modulação



É necessário (linha 3)	Predicado seguido de infinitivo ou que + oração	Modulação
Esteja (linha 4)	Modos do verbo	Modulação
Faça (linha 4)	Modos do verbo	Modulação
Criem (linha 5)	Modos do verbo	Modulação
Não deve ser (linha 9)	Verbos modais	Modulação
Apenas (linha 10)	Sintagmas adverbiais ou preposicionados	Modalização

### 5.1.2 Menores e a Justiça

“Polícia civil apreende adolescente suspeito de esfaquear ciclista em cartão-postal.” Tradução: Polícia detém psicopata que esfaqueou friamente um cardiologista dedicado a um hospital público, pai de família honesto e pagador de impostos. Gente boa que morreu barbaramente apesar de não reagir ao assalto. Algum Fórum vai liberar o “adolescente” que, em breve, voltará às ruas e ao crime. Mudem as leis. O “de menor” é um assassino cruel. Ofereçam segurança à população sem demagogia eleitoreira. E prestem solidariedade à família do cardiologista. Ao bandido, não. **Letícia Dornelles – Rio.**

A carta acima foi publicada no dia 23/05/2015. Na ocasião, a discussão sobre a redução da maioria penal voltou à tona devido ao caso do médico Jaime Gold, que foi esfaqueado por um menor de idade durante um assalto na Lagoa Rodrigo de Freitas, no dia 19/03/2015. Letícia Dornelles mostra-se solidária à família do cardiologista, expressando a sua indignação e exigindo do Estado mais segurança e uma punição justa para o caso.

#### **Ocorrências:**

Marca gramatical	Descrição	Tipo de modalidade
Friamente (linha 2)	Sintagmas adverbiais ou	Modalização

	preposicionados	
Barbaramente (linha 3)	Sintagmas adverbiais ou preposicionados	Modalização
Mudem (linha 5)	Modos do verbo	Modulação
Ofereçam (linha 5)	Modos do verbo	Modulação
Prestem (linha 6)	Modos do verbo	Modulação

### 5.1.3 Menores e a Justiça (II)

Elementos nas ruas, maiores ou menores de idade, sem prova de trabalho, portando faca ou canivete e delinquentes contumazes. Quando detidos devem, sim, ser autuados em flagrante por porte de arma e, no caso de menores, apreendidos na forma da legislação. Acho que o chefe da Polícia Civil se equivocou ao dizer que nada poderia fazer nesses tipos de infração. Opino como delegado aposentado da Polícia Civil. **Fernando Pires – Rio.**

A carta acima, também publicada no dia 23/05/2015, está agrupada sob o mesmo título da carta anterior por tratar do mesmo tema em questão. O leitor-autor Fernando Pires, delegado aposentado da Polícia Civil, critica o atual chefe da Polícia Civil por afirmar que, em relação a esse tipo de infração, nada poderia fazer.

#### Ocorrências:

Marca gramatical	Descrição	Tipo de modalidade
Devem (linha 2)	Verbos modais	Modulação
Acho (linha 3)	Verbos que explicitam o ato praticado pelo locutor	Modalização
Opino (linha 4)	Verbos que explicitam o ato praticado pelo locutor	Modalização

#### 5.1.4 A conta

Dilma gastou além da conta nas eleições, fez promessas, mentiu sobre a realidade da economia etc., etc.! Eleita, revela agora a dramática situação do país e quer corrigir seus desmandos empurrando para nós, cidadãos, estados e municípios todo ônus desse ajuste! Já, reduzir gastos do governo... 39 ministérios, cargos comissionados, até mesmo os ditos programas sociais etc., que, basicamente, só interessa ao PT e ao sonho de poder, além de outras alternativas, nada disso ela considera nem adota... Srs., não dá! Os erros e culpa são dela, a conta é nossa e os planos petistas nada sofrem? Ninguém aceita e a prova disso está na baixíssima apreciação do governo e nas manifestações de insatisfação. Faça o dever de casa, reconheça seus erros e desmandos e jogue as contas para todos, não apenas para nós! **Luiz Antônio R. Mendes Ribeiro – Belo Horizonte.**

Embora o jornal *O Globo* seja orientado para o público do Rio de Janeiro, o leitor-autor da carta acima é do estado de Minas Gerais. A carta foi publicada no dia 26/03/2015 e trata de assunto de nível nacional – o segundo mandato da presidenta Dilma. Luiz Antônio Ribeiro se coloca desfavorável à administração do governo federal, sobretudo, aos repasses que cidadãos têm recebido para que a situação financeira do país seja ajustada.

#### Ocorrências:

Marca gramatical	Descrição	Tipo de modalidade
Até mesmo (linha 4)	Marcadores de foco	Modalização
Basicamente (linha 5)	Sintagmas adverbiais ou preposicionados	Modalização
Só (linha 5)	Marcadores de foco	Modalização
Srs., não dá! (linha 6)	Entoação	Modalização
E os planos petistas nada sofrem? (linha 7)	Entoação	Modulação
Faça (linha 8)	Modos do verbo	Modulação

Reconheça (linha 9)	Modos do verbo	Modulação
Jogue (linha 9)	Modos do verbo	Modulação
Não apenas (linha 9)	Sintagmas adverbiais ou preposicionados	Modalização

### 5.1.5 Doutrinas e utopias

As massas que foram às ruas no dia 15 protestar contra a horda de políticos corruptos e incompetentes que dominam o país há décadas, se esquecem de que foram elas mesmas que os elegeram. Protestam contra pessoas, esquecendo que elas são meros beneficiários da doutrina social populista por meio da qual chegaram ao poder. Os populistas oferecem ao povo a realização de utopias, isto é, prometem aos eleitores paraísos que nunca poderão ser alcançados. Permanecendo os eleitores nesse estado ingênuo de consciência política, os novos dirigentes do país hão de ter outros nomes, mas serão sempre comprometidos com a mesma má-fé e as mesmas promessas impossíveis de serem cumpridas. Para que o Brasil possa mudar profundamente, precisamos questionar para refutar de uma vez por todas as doutrinas que oferecem utopias ao povo, e não as pessoas que, espertamente, chegam ao poder por meio delas. **Jayme Vasconcellos – Rio.**

A carta publicada no dia 22/03/2015 faz referência à manifestação contra a corrupção, que ocorreu no dia 15/03/2015. Jayme Vasconcellos, leitor-autor da carta, se dispõe a escrever para alertar a população de que nada adianta protestar, enquanto houver, por parte dos eleitores, a utopia de que políticos cumprirão de fato as promessas inviáveis que são feitas na ocasião das eleições.

#### **Ocorrências:**

<b>Marca gramatical</b>	<b>Descrição</b>	<b>Tipo de modalidade</b>
Profundamente (linha 9)	Sintagmas adverbiais ou preposicionados	Modalização
Precisamos questionar (linha 9)	Verbos modais	Modulação

Espertamente (linha 10)	Sintagmas adverbiais ou preposicionados	Modalização
-------------------------	---	-------------

### 5.1.6 Gastos públicos

O povo está cansado de tanta corrupção, que continua aparecendo mais. Os poderes Executivo e Legislativo têm parlamentares envolvidos na lavagem de dinheiro da Petrobras. Não entendo o nosso país com 39 ministros só para satisfazer as indicações dos partidos. Senhora presidente, o seu governo precisa diminuir os gastos públicos no Executivo e no Legislativo. Essa sua medida de aumentar os impostos nos setores de economia só vai gerar mais desempregos e o aumento da inflação. **Manoel Limoeiro – Recife.**

Segue mais um exemplo de carta enviada de outro estado do Brasil. Publicada em 22/03/2015, a carta anterior aborda a operação Lava-Jato, realizada pela Polícia Federal com o objetivo de investigar casos de corrupção. O leitor-autor da carta se coloca como porta-voz dos brasileiros ao afirmar que “o povo está cansado de tanta corrupção” e fala diretamente com a presidenta Dilma, por meio de vocativo, solicitando a diminuição dos gastos públicos.

#### Ocorrências:

Marca gramatical	Descrição	Tipo de modalidade
Não entendo (linha 3)	Verbos que explicitam o ato praticado pelo locutor	Modalização
Só (linha 3)	Marcadores de foco	Modalização
Precisa diminuir (linha 4)	Verbos modais	Modulação
Só (linha 5)	Marcadores de foco	Modalização

### 5.1.7 Padrão Brasil

Parece não ter fim a sucessão de tragédias e tropeços que, fatalmente, ferem a cada dia nossa nação. A corrupção está infiltrada em todas as esferas como um câncer incurável. Não devemos buscar comparações de economia e comportamentos no exterior, pois a coisa vem do padrão moral aceito e praticado por quase todos nesse país. Os mercados que mais crescem hoje, no Brasil, são a corrupção, e, evidentemente, a carga tributária, companheiras fiéis. As duas, aliadas, causam o que estamos vendo no contexto político e no socioeconômico. Alguém terá que pagar esta conta, e seremos nós. Resta saber até quando, pois a cura não se encontra em siglas partidárias, nem em quem as representa. Mas numa mudança de comportamento moral, contribuindo assim para apagarmos o incêndio do vergonhoso padrão moral brasileiro. **Jeferson Murta Agrelli – Além Paraíba.**

A carta *Padrão Brasil* foi publicada em 26/04/2015. A corrupção é um tema recorrente nesse período, pois, a partir de março de 2015, as investigações foram intensificadas. Segundo o leitor-autor da carta, a corrupção está infiltrada em todas as esferas do país, e um dos motivos seria o padrão moral que é praticado e aceito por todos.

#### Ocorrências:

Marca gramatical	Descrição	Tipo de modalidade
Parece (linha 1)	Verbos modais	Modalização
Fatalmente (linha 1)	Sintagmas adverbiais ou preposicionados	Modalização
Não devemos (linha 3)	Verbos modais	Modulação
Evidentemente (linha 5)	Sintagmas adverbiais ou preposicionados	Modalização

#### 5.1.8 Planos de saúde

É notória a incapacidade da ANS de monitorar adequadamente os preços praticados pelos planos de saúde, que, a cada dia, lançam mais e mais despesas médicas sobre os ombros de seus associados, corrigindo, ao mesmo tempo, o preço de seus planos através de índices próximos à

estratosfera e apresentando planilhas de custo que vão além do limite da capacidade humana de compreensão. Como quase tudo neste país não visa primeiramente o consumidor, vai chegar o dia em que os planos de saúde cobrirão apenas o ar respirado pelo associado, que, eventualmente, poderá se tornar irrespirável. **João Carlos Carraz – Rio.**

João Carlos Carraz, em carta publicada no dia 09/05/2015, critica a postura da Agência Nacional de Saúde de não monitorar os preços praticados pelos planos. Na ocasião, a ANS aprovou um reajuste em torno de 13% para os planos. Segundo o leito-autor da carta, este é mais um exemplo de como o país não visa ao consumidor.

#### Ocorrências:

Marca gramatical	Descrição	Tipo de modalidade
É notória (linha 1)	Predicadores seguidos de que + oração ou justapostos no enunciado	Modalização
Adequadamente (linha 1)	Sintagmas adverbiais ou preposicionados	Modalização
Quase (linha 5)	Sintagmas adverbiais ou preposicionados	Modalização
Primeiramente (linha 5)	Sintagmas adverbiais ou preposicionados	Modalização
Eventualmente (linha 7)	Sintagmas adverbiais ou preposicionados	Modalização

#### 5.1.9 Aposentados

É preciso atenção às perdas salariais dos aposentados que, durante uma vida contribuíram para receberem, por exemplo, dez salários mínimos e, hoje, recebem entre três e 3,3. O índice que reajusta o salário mínimo não é o mesmo aplicado aos rendimentos desta sofrida categoria, que sofreu perda de 67%, se minha conta estiver correta. Essa categoria, que não

pode fazer greve, está sendo maltratada há algum tempo. **André Luiz Duque Estrada – Rio.**

André Luiz Duque Estrada, em carta publicada no dia 10/05/2015, faz uma reflexão acerca das correções salariais para os aposentados. Segundo ele, os aposentados não têm recebido a aposentadoria proporcional à contribuição feita ao longo da vida. O leitor-autor faz um alerta aos outros leitores sobre a situação e afirma que essa categoria tem sido maltratada.

**Ocorrências:**

Marca gramatical	Descrição	Tipo de modalidade
É preciso (linha1)	Predicados seguidos de infinitivo ou que + oração	Modulação

5.1.10 Maioridade penal

Se a escala dos crimes praticados pelos menores cresce assustadoramente, o direito de ir e vir consagrado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente deveria, também, prever que lugar de criança é nas escolas e não perambulando e praticando delitos pelas ruas. Acordem, senhores governador e prefeito: não merecemos ser considerados uma das cidades mais violentas do Brasil. **Moacir Pereira da Costa – Rio.**

A carta publicada no dia 24/05/2105 é mais uma com o recorrente tema da maioridade penal. Vale ressaltar que, entre março de 2015 até agora, esse é um assunto bastante comentado devido aos debates e votações no congresso sobre a redução. Moacir Pereira da Costa faz um apelo aos governantes em relação à situação dos crimes praticados por menores.

**Ocorrências:**

Marca gramatical	Descrição	Tipo de modalidade
Assustadoramente (linha 1)	Sintagmas adverbiais ou preposicionados	Modalização



Deveria (linha 2)	Verbos modais	Modulação
Acordem (linha 3)	Modos do verbo	Modulação

### 5.1.11 Alguns conselhos

Presidente, a sabedoria popular nos ensina que se conselho fosse bom, não seria dado, mas vendido. Apesar disso, me atrevo a lhe dar alguns. Mas eles têm um preço: um pouco de sacrifício. Primeiro, recomendo-lhe que não fale, principalmente em público, pois suas falas têm piorado o que já estava ruim. Não tente justificar, nem explicar, o que não tem justificativa. Se houver uma necessidade imperiosa de falar, seja concisa e direta. Segundo, tome medidas fundamentais para tirar o Brasil do atoleiro. Sei que são do seu conhecimento e lembro alguma, como enxugamento da máquina pública, com redução do número dos ministérios e do gasto público; e investimento em educação e saúde. Terceiro, se dentro de algum tempo, que não pode ser muito longo, concluir que a situação está piorando e que o seu governo não consegue governar, vá para casa. **Antônio Tavares Carneiro Sobrinho – Rio.**

A carta publicada no dia 02/07/2015 apresenta um tom irônico ao se propor a dar alguns conselhos à presidenta Dilma. O leitor-autor posiciona-se como alguém em condição de dizer como deveria ser a gestão da presidenta e, sobretudo, quais medidas ela deveria tomar para conter a crise econômica.

#### Ocorrências:

Marca gramatical	Descrição	Tipo de modalidade
Atrevo (linha 2)	Verbos que explicitam o ato praticado pelo locutor	Modalização
Recomendo-lhe (linha 3)	Verbos que explicitam o ato praticado pelo locutor	Modulação
Tente (linha 4)	Modos do verbo	Modulação
Seja (linha 5)	Modos do verbo	Modulação
Tome (linha 5)	Modos do verbo	Modulação
Vá (linha 10)	Modos do verbo	Modulação

### 5.1.12 Reajuste justo

Estou de acordo com o reajuste pleiteado pelos servidores do Judiciário. Apenas acho que o mesmo só deveria ser concedido se estendido a servidores públicos, aposentados e pensionistas do INSS, militares, enfim, à classe trabalhadora. Do contrário, deve ser negado, até porque nos últimos dez anos os servidores em questão tiveram reajustes bem acima dos índices oficiais. E também tais aumentos coletivos deveriam ocorrer na época em que os ministros do STF, congressistas e o alto escalão da República também tivessem. Por que a diferenciação? Não são melhores do que ninguém. **Paulo Henrique Coimbra de Oliveira – Rio.**

Paulo Henrique Coimbra de Oliveira, em carta publicada no dia 19/07/2015, opina sobre o reajuste salarial entre 53% e 78% aprovado pelo congresso para os servidores do Judiciário sob a justificativa de 8 anos sem reajuste. O leitor-autor se coloca desfavorável à decisão à medida que esse reajuste não seria extensivo a todos os outros servidores e trabalhadores.

#### Ocorrências:

Marca gramatical	Descrição	Tipo de modalidade
Acho (linha 1)	Verbos que explicitam o ato praticado pelo locutor	Modalização
Estou de acordo (linha 1)	Verbos que explicitam o ato praticado pelo locutor	Modalização
Só (linha 2)	Marcadores de foco	Modalização
Deveria (linha 2)	Verbos modais	Modulação
Deve (linha 3)	Verbos modais	Modulação
Até (linha 4)	Marcadores de foco	Modalização
Deveriam (linha 5)	Verbos modais	Modulação
Por que a diferenciação?	Entoação	Modulação

(linha 6)		
-----------	--	--

### 5.1.13 Versão modificada

É preciso dizer à presidente Dilma: pesquisas indicam que seu governo tem boa fama apenas para 9% dos entrevistados; que malfeitos não deixam de existir só por serem ignorados; que estamos numa democracia plena; que ela não é vítima, que não está sendo torturada; que suas queixas devem ser dirigidas a amigos e aliados que a estão abandonando sozinha no meio da tempestade. Ao fim e ao cabo, esperemos que, depois da tempestade que tanto nos tem castigado, venha a bonança. **Vera B. Emet – Rio.**

A carta publicada em 19/07/2015 trata das recentes perdas de aliados que têm acometido o governo Dilma. Vera B. Emet aponta a queda de popularidade do governo devido à crise econômica enfrentada pelo país.

#### Ocorrências:

Marca gramatical	Descrição	Tipo de modalidade
É preciso (linha 1)	Predicados seguidos de infinitivo ou que + oração	Modulação
Apenas (linha 1)	Sintagmas adverbiais ou preposicionados	Modalização
Só (linha 2)	Marcadores de foco	Modalização
Devem (linha 4)	Verbos modais	Modulação
Esperemos (linha 5)	Modos do verbo	Modulação
Venha (linha 6)	Modos do verbo	Modulação

### 5.1.14 Maioridade

Na discussão sobre a redução da maioria penal, é necessário afastar da população qualquer indivíduo que represente ameaça criminosa, seja de que idade for. Não se trata de punir apenas, mas de resguardar potenciais vítimas. Vejo, também, um perigo que me parece não estar recebendo

atenção da população, revoltada com a impunidade, já vai perdendo a paciência, como vimos agora com os linchamentos no Maranhão. É possível que surjam grupos de justiceiros. Não seria melhor endurecer as leis?  
**Hoche Luiz Pulcherio – Petrópolis, RJ.**

A carta acima, também publicada no dia 19/07/2015, aborda o fato dos linchamentos ocorridos no Maranhão. No mesmo mês da publicação da carta, o menor Cleidenilson Pereira Silva foi espancado até a morte ao tentar praticar um assalto. Este foi o décimo caso noticiado no estado. O leitor-autor Hoche Luiz Pulcherio aponta que esses fatos têm ocorrido devido à revolta da população com a impunidade. A população, então, chegou ao ponto de fazer justiça com as próprias mãos. E, mais uma vez, o tema da redução da maioridade penal é retomado em uma carta.

#### Ocorrências:

Marca gramatical	Descrição	Tipo de modalidade
É necessário (linha 1)	Predicados seguidos de infinitivo ou que + oração	Modulação
Vejo (linha 3)	Verbos que explicitam o ato praticado pelo locutor	Modalização
Parece (linha 3)	Verbos modais	Modalização
É possível (linha 5)	Predicadores seguidos de que + oração ou justapostos no enunciado	Modalização
Não seria melhor endurecer as leis? (linha 6)	Entoação	Modulação

#### 5.1.15 Cunha e Collor denunciados

Lamentável e triste o que acontece no país. Em um esquema que parece interminável, o acusador de ontem é o denunciado de hoje e, certamente, será o acusado de amanhã. O deputado Eduardo Cunha, que nos últimos dias posou de representante da defesa da honestidade, ao negar e impedir o governo de levar adiante propostas para abafar desmandos e desviar a atenção do esquema de corrupção instalado na nação, agora é denunciado ao STF por receber elevada propina por contratos de aluguel de navios-sonda para a Petrobras. Na realidade, eles apenas se revezam na “arte” do roubo ao país. **Joel Rodrigues Ferreira – Niterói, RJ.**

A carta acima foi publicada no dia 21/08/2015 pouco, depois de Eduardo Cunha ter sido denunciado por corrupção. A denúncia teve grande impacto político, sobretudo, pelo fato de o deputado ter se colocado contra o governo Dilma ao acusar, também de corrupção, outros membros do governo. É exatamente isso o que o leitor-autor questiona em seu texto.

#### Ocorrências:

Marca gramatical	Descrição	Tipo de modalidade
Parece (linha 1)	Verbos modais	Modalização
Certamente (linha 2)	Sintagmas adverbiais ou preposicionados	Modalização
Apenas (linha 7)	Sintagmas adverbiais ou preposicionados	Modalização

## 5.2 Jornal *O Dia*

### 5.2.1 Martírio em trânsito de rua em Niterói

É necessário que se tomem atitudes contra o trânsito da Rua Noronha Torrezão, em Niterói. É martírio de segunda a sábado nos dois sentidos da via, prejudicando moradores com horário, sem nada ser feito para acabar com esse sufoco. A rua ainda é caminho para os hospitais Azevedo Lima e Antônio Pedro. **Pedro Cardoso – Niterói, RJ.**

A carta publicada no dia 9/03/2015 relata um problema de trânsito que vem ocorrendo com frequência. O leitor-autor Pedro Cardoso solicita que as autoridades

tomem alguma atitude. Ele pretende, ao denunciar o problema, que alguma solução ocorra.

**Ocorrências:**

Marca gramatical	Descrição	Tipo de modalidade
É necessário (linha 1)	Predicados seguidos de infinitivo ou que + oração	Modulação
É martírio (linha 2)	Predicadores seguidos de que + oração ou justapostos no enunciado	Modalização
Ainda (linha 3)	Marcadores de foco	Modalização

5.2.2 Lembrete a quem quer a ditadura de volta

“Não entendo quem pede o retorno da ditadura militar em pelo século 21. Só quero lembrar aos saudosistas e que clamam pelo retorno desse regime tão violento: se você fizesse qualquer protesto na época da ditadura, você estaria preso agora. **João A. Nolasco – Volta Redonda, RJ.**”

Publicada em 31/03/2015, alguns dias após uma manifestação contra o governo Dilma, a carta acima mostra a indignação de João A. Nolasco em relação aos pedidos de retorno da ditadura militar, fato recorrente nessa manifestação.

**Ocorrências:**

Marca gramatical	Descrição	Tipo de modalidade
Entendo (linha 1)	Verbos que explicitam o ato praticado pelo locutor	Modalização
Só (linha 1)	Marcadores de foco	Modalização
Quero (linha 1)	Verbos que explicitam o	Modalização

	ato praticado pelo locutor	
Tão (linha 2)	Sintagma adverbial	Modalização

### 5.2.3 Corrupção já acabou com o governo do PT

O que adianta a presidenta enviar projeto de lei se ela é a primeira a descumprir as leis? É inacreditável a imundície da Lei de Responsabilidade Fiscal trocada com parlamentares por meio de chantagem. As propinas estão disfarçadas desde 2010 sob forma de doações eleitorais. Não há mais credibilidade neste governo. Já acabou, não há mais jeito. **Oswaldo Nobre – Barra da Tijuca.**

Oswaldo Nobre, em carta publicada no dia 01/04/2015, critica o governo Dilma e os supostos casos de corrupção. Mostra-se indignado também com a situação em que se encontra o cumprimento da Lei de Responsabilidade Fiscal, que tenta impor o controle dos gastos da União, dos estados e municípios condicionado à capacidade de arrecadação de tributos.

#### **Ocorrências:**

Marca gramatical	Descrição	Tipo de modalidade
O que adianta a presidenta (...) a descumprir as leis? (linha 1)	Entoação	Modulação
É inacreditável (linha 2)	Predicadores seguidos de que + oração ou justapostos no enunciado	Modalização
Já (linha 4)	Sintagmas adverbiais ou preposicionados	Modalização

### 5.2.4 Por manifestações contra achacadores

“Nas manifestações, o foco não deve ser a presidenta Dilma, mas, sim, os chamados ‘achacadores’ do Congresso, que também são governo. Cada vez mais, essas pessoas estão afundando o Brasil e rindo de nós, o sofrido povo deste país.

**Mario Sousa Filho – Taquara.”**

A carta acima, publicada em 06/04/2015, tem como tema também as manifestações contra o governo Dilma. O leitor-autor posiciona-se ao dizer que a população não deve ter como foco a presidenta, e sim o governo de uma fora geral.

**Ocorrências:**

Marca gramatical	Descrição	Tipo de modalidade
Deve (linha 1)	Verbos modais	Modulação
Também (linha 2)	Sintagmas adverbiais ou preposicionados	Modalização

#### 5.2.5 Por leis mais severas na política brasileira

“O povo tinha que sair às ruas e pedir mudanças nas leis. Bebeu, dirigiu e matou? Sem direito a nada. Tirar a vida de uma pessoa deveria ser crime hediondo. Duvido se não iriam pensar duas vezes. Essa mudança é urgente no nosso país! Para ontem! **Jeilson M. Germano- Irajá.**”

A carta anterior, publicada em 10/04/2015, remete às manifestações ocorridas no período. O leitor-autor, no entanto, acredita que o país precisa de leis mais severas.

**Ocorrências:**

Marca gramatical	Descrição	Tipo de modalidade
Tinha (linha 1)	Verbos modais	Modulação
Deveria (linha 2)	Verbos modais	Modulação
Duvido (linha 2)	Verbos que explicitam o ato praticado pelo	Modalização



	locutor	
É urgente (linha 3)	Predicadores seguidos de que + oração ou justapostos no enunciado.	Modulação

### 5.2.6 Vigas da Perimetral continuam sumidas

As vigas da Perimetral ainda não apareceram. Segundo a prefeitura, as investigações estão a cargo da Polícia Civil. Porém, há meses a Polícia Civil não deu explicações sobre as investigações. Será que ela está mesmo investigando? Acho que os cariocas merecem mais respeito e informações sobre o caso. E as vigas precisam aparecer! **Leonardo Dias Barreto – Realengo.**

No dia 15/04/2015, foi publicada a carta de Leonardo Dias Barreto sobre o sumiço das vigas da Perimetral. As vigas sumiram em 2013 e até agora os cidadãos não tiveram uma resposta sobre o que aconteceu.

#### **Ocorrências:**

<b>Marca Gramatical</b>	<b>Descrição</b>	<b>Tipo de modalidade</b>
Ainda (linha 1)	Sintagmas adverbiais ou preposicionados	Modalização
Será que eles estão mesmo investigando? (linha 3)	Entoação	Modulação
Acho (linha 3)	Verbos que explicitam o ato praticado pelo locutor	Modalização
Precisam (linha 4)	Verbos modais	Modulação

### 5.2.7 Escândalos envolvem os mesmos políticos

“Todos os dias vemos milhares de escândalos de corrupção no país, e parece que as figurinhas continuam as mesmas. José Dirceu, por exemplo, está em todos os casos desde o mensalão. E por que ainda há impunidade neste país? **Liberato Pereira da Silva – Por e-mail.**”

Em carta publicada no dia 17/04/2015, Liberato faz um questionamento sobre o porquê de ainda existir impunidade no país visto que os políticos envolvidos em diversos casos de corrupção são quase sempre os mesmos.

**Ocorrências:**

<b>Marca gramatical</b>	<b>Descrição</b>	<b>Tipo de modalidade</b>
Parece (linha 1)	Verbos modais	Modalização
E por que ainda há impunidade neste país? (linha 3)	Entoação	Modulação
Ainda (linha 3)	Sintagmas adverbiais ou preposicionados	Modalização

**5.2.8 Rua sem luz vira local de assaltos na Tijuca**

Há muitas ocorrências de assaltos na esquina da Rua Ana Neri, na Tijuca. Os bandidos aproveitam a escuridão no local, que não tem nenhuma iluminação. Na última sexta-feira, houve dois casos, no sábado, outro, e na segunda-feira, outro assalto. Precisamos que a rua seja mais iluminada e que as árvores sejam podadas no local urgentemente. **Luiz Carlos Fonseca Silva – Por e-mail.**

A carta acima, também publicada no dia 17/04/2015, traz uma reivindicação. O leitor-autor denuncia casos de assaltos e solicita iluminação e poda de árvores no local.

**Ocorrências:**

<b>Marca gramatical</b>	<b>Descrição</b>	<b>Tipo de modalidade</b>
Precisamos (linha 3)	Verbos modais	Modulação
Seja (linha 4)	Modos do verbo	Modulação
Sejam (linha 4)	Modos do verbo	Modulação

Urgentemente (linha 4)	Sintagmas adverbiais ou preposicionados	Modalização
------------------------	---	-------------

### 5.2.9 Bandidos são os culpados por crimes

“Diante do aumento do número de crimes, proponho aos políticos que são a favor do desarmamento que ampliem o escopo da campanha. Fica claro que as armas não são as responsáveis pelos crimes, mas, sim, os criminosos. **Marco Antônio Esteves Balbi – Botafogo.**”

A carta publicada no dia 14/05/2015 aborda o tema da campanha pelo desarmamento. É um tema que divide opiniões entre os cidadãos e a própria câmara. O leitor-autor sugere que aumentem a abrangência da campanha, pois acredita que, na verdade, os bandidos são os culpados pelos crimes.

#### Ocorrências:

Marca gramatical	Descrição	Tipo de modalidade
Proponho (linha 1)	Verbos que explicitam o ato praticado pelo locutor	Modulação
Ampliem (linha 2)	Modos do verbo	Modulação
Fica claro (linha 2)	Predicadores seguidos de que + oração ou justapostos no enunciado	Modalização

### 5.2.10 Governo está perdido e não sabe o que fazer

O chefe, se não consegue completar tarefas, deve fazê-lo sem interferir com os seus subordinados. Eis que a mandatária da nação convoca auxiliares para o trabalho em pleno domingo para decidir cortes do orçamento. Ou seja, estamos quase no fim do quinto mês do ano, e a presidenta não sabe o que fazer dos nossos suados impostos. **Marco Antônio Esteves – Botafogo.**

Em carta publicada no dia 21/05/2015, Marco Antônio Esteves refere-se à reunião marcada, em caráter extraordinário, em um domingo, pela presidenta Dilma. A reunião era para discutir os possíveis cortes orçamentários devido à crise econômica.

**Ocorrências:**

Marca gramatical	Descrição	Tipo de modalidade
Deve (linha 1)	Verbos modais	Modulação
Eis que (linha 2)	Marcadores de foco	Modalização
Quase (linha 3)	Sintagmas adverbiais ou preposicionados	Modalização

5.2.11 Mudanças na pensão para viúvas são o fim

É inacreditável, mas os nossos parlamentares estão com autoridade para tirar o poder de Deus quanto ao dia, mês e ano que uma pessoa possa morrer. Determinaram que uma mulher só poderá ficar viúva com mais de 44 anos, para que a sua pensão seja vitalícia. E quanto às aposentadorias dos próprios parlamentares? Aí ficará a critério de Deus? **Teresa Abreu de Almeida – Maracanã.**

As mudanças na pensão por morte fazem parte de um pacote de medidas provisórias anunciadas pelo governo no final de 2014 para tornar mais rigoroso o acesso da população a uma série de benefícios previdenciários. Em carta publicada no dia 26/05/2015, a leitora Teresa Abreu de Almeida escreve de forma irônica sobre o assunto.

**Ocorrências:**

Marca gramatical	Descrição	Tipo de modalidade
É inacreditável (linha 1)	Predicadores seguidos de que + oração ou justapostos	Modalização
E quanto às aposentadorias dos	Entoação	Modulação

parlamentares (...) Aí ficará a critério de Deus? (linha 4)		
---	--	--

### 5.2.12 Por mudanças em critérios de votos

“Na minha opinião, o quociente eleitoral deve ser mantido, mas precisam mudar os critérios da transferência de votos do candidato mais votado aos subsequentes. Ele não pode ultrapassar 50% dos votos recebidos por eles. **Reginaldo Freitas – Quintino Bocaiuva.**”

Em carta publicada no dia 18/06/2015, o leitor-autor Reginaldo Freitas dá sua opinião em relação aos critérios de votos. As alterações no sistema eleitoral fazem parte da reforma política desejada pelos cidadãos.

#### **Ocorrências:**

<b>Marca gramatical</b>	<b>Descrição</b>	<b>Tipo de modalidade</b>
Deve (linha 1)	Verbos modais	Modulação
Precisam (linha 1)	Verbos modais	Modulação
Pode (linha 2)	Verbos modais	Modulação

### 5.2.13 Prêmio por fuzilamento de suspeitos em SP

Discordo da ‘Bronca do informe’ da última quinta-feira, sobre o fuzilamento de suspeitos mostrado ao vivo em São Paulo. Imagens de TV mostram que PMs paulistas atiraram várias vezes em homens numa motocicleta após perseguição. Esses militares têm de ser promovidos, e não punidos como sugere a coluna. **Nelson Abraão – Méier.**

A carta anterior foi publicada no dia 01/07/2015, uma semana após ser divulgada ao vivo uma perseguição entre policiais e suspeitos de assaltos a pedestres. Dois homens, sendo um menor de idade, foram assassinados a tiros e ao vivo. O caso repercutiu em todos os jornais. O jornal *O Dia* criticou a ação em uma

de suas colunas. O leitor-autor Nelson Abraão discorda da crítica negativa feita pelo jornal e afirma que os policiais deveriam ser promovidos pelo caso.

**Ocorrências:**

Marca gramatical	Descrição	Tipo de modalidade
Discordo (linha 1)	Verbos que explicitam o ato praticado pelo locutor	Modalização
Têm (linha 3)	Verbos modais	Modulação

5.2.14 Governo deveria criar índice de corrupção

O ministro da Justiça deve criar uma agenda investigativa para barrar a corrupção. A sociedade iria acompanhando a apuração de escândalos, como Zelotes, Swissleaks, Trensão, Mensalão, Petrolão. Seria criado um mecanismo como o “impostômetro” para informar à sociedade quanto dinheiro público recuperamos da corrupção. **Emanuel Cancellia – Flamengo.**

Em carta publicada no dia 02/07/2015, Emanuel Cancellia sugere a criação de um mecanismo anticorrupção semelhante ao “impostômetro”, com o objetivo de que a população saiba o montante recuperado pelas operações.

**Ocorrências:**

Marca Gramatical	Descrição	Tipo de modalidade
Deve (linha 1)	Verbos modais	Modulação
Iria acompanhado (linha 2)	Modos verbais	Modalização
Seria criado (linha 2)	Modos verbais	Modalização

5.2.15 Impressionante ambição de senadores

“Estou admirado com a ambição política dos senadores Romário e Crivella. A crise criada pela Operação Lava Jato já tirou do povo fluminense mais de 100 mil

empregos. Espero que o eleitor do Rio pense nisso antes de votar. **Valter Fernandes de Souza – Por e-mail.**”

A carta publicada em 29/07/2015 faz menção ao fato de dois senadores, ainda não citados na operação Lava Jato, visarem ao governo do estado do Rio de Janeiro.

**Ocorrências:**

<b>Marca gramatical</b>	<b>Descrição</b>	<b>Tipo de modalidade</b>
Estou admirado (linha 1)	Verbos que explicitam o ato praticado pelo locutor	Modalização
Já (linha 2)	Marcadores de foco	Modalização
Espero (linha 2)	Verbos que explicitam o ato praticado pelo locutor	Modalização

### 5.3 Identificação das ocorrências de modalidade

Nesta seção apresentamos os resultados quantitativos obtidos a partir do estudo analítico das ocorrências de modalidade em tabelas separadas por veículo de publicação.

#### 5.3.1 Jornal O Globo

##### 5.3.1.1 Total de ocorrências de modalidade

<b>Total de ocorrências analisadas</b>	<b>Modulação</b>	<b>Modalização</b>
72	35	37

5.3.1.2 Total de ocorrências de modalidade por descrição quanto às apreciações do locutor – Modalização

Sintagmas adverbiais ou preposicionados	17
Predicadores seguidos de que + oração ou justapostos no enunciado	2
Verbos modais	3
Modos do verbo	0
Marcadores de foco	7
Empregos modais dos tempos verbais	0
Verbos que explicitam o ato praticado pelo locutor	7
Entoação	1

5.3.1.3 Total de ocorrências de modalidade por descrição quanto às intenções e interesses do locutor – Modulação

Predicados seguidos de infinitivo ou que + oração	4
Verbos modais	11
Verbos que explicitam o ato praticado pelo locutor	1
Modos do verbo	16
Entoação	3

5.3.2 Jornal O Dia

5.3.2.1 Total de ocorrências de modalidade



<b>Total de ocorrências analisadas</b>	<b>Modulação</b>	<b>Modalização</b>
46	21	25

5.3.2.2 Total de ocorrências de modalidade por descrição quanto às apreciações do locutor – Modalização

Sintagmas adverbiais ou preposicionados	7
Predicadores seguidos de que + oração ou justapostos no enunciado	4
Verbos modais	1
Modos do verbo	2
Marcadores de foco	4
Empregos modais dos tempos verbais	0
Verbos que explicitam o ato praticado pelo locutor	7
Entoação	0

5.3.2.3 Total de ocorrências de modalidade por descrição quanto às intenções e interesses do locutor – Modulação

Predicados seguidos de infinitivo ou que + oração	2
Verbos modais	11
Verbos que explicitam o ato praticado pelo locutor	1
Modos do verbo	3
Entoação	4

## 6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

O objetivo deste capítulo é fazer uma interpretação qualitativa dos resultados obtidos nas análises das ocorrências de modalidade, retiradas das cartas do leitor selecionadas.

As análises das cartas do leitor nos dois jornais nos confirmaram, como aponta Bakhtin (2000), que os gêneros são relativamente estáveis. O que se sustenta, também, nas palavras de Hasan:

É possível expressar uma gama de elementos opcionais e obrigatórios que possibilitam definir uma estrutura textual em todos os textos pertencentes a um determinado gênero. Essa estrutura é apropriada a uma determinada configuração contextual. Em outras palavras, é possível afirmar que há uma estrutura potencial do gênero (1989, p.7).

Podemos, pois, afirmar que há, nesses textos analisados, características que nos autorizam a enquadrá-los no gênero textual carta do leitor, pois se definem como gênero na medida em que compartilham determinado propósito comunicativo e estabelecem uma interlocução.

Conforme já foi dito anteriormente, a carta do leitor é um gênero que circula no contexto jornalístico em um espaço destinado às manifestações dos leitores, propiciando a interação leitor-veículo-outros leitores. O leitor-autor da carta coloca-se em uma posição de porta-voz da opinião pública, ao criticar, elogiar, discordar de um ponto de vista, fazer sugestões e reclamações, dentre outros propósitos. Assim, o conteúdo da carta constrói a expectativa de que os leitores partilhem com o leitor-autor um conjunto de valores, crenças e opiniões valorizadas socialmente, pois seus discursos abordam a realidade baseada em representações culturais preexistentes.

A carta do leitor, como gênero, mostrou-se um importante material para a análise discursiva, pois trata de assuntos cotidianos que dizem respeito à vida do cidadão. Exatamente por essas características do gênero, a modalidade é marca recorrente e foi escolhida como objeto de estudo desta pesquisa.

O estudo realizado se propôs a identificar e analisar as ocorrências de modalidade em 30 cartas do leitor. Como já mencionado anteriormente, a modalidade é um recurso interpessoal utilizado para marcar as intenções, os

objetivos, as expressões emocionais, assumir um ponto de vista, um julgamento, ou seja, expressar a subjetividade do emissor ao produzir um discurso.

Foram encontradas 65 ocorrências de modalidade nas cartas selecionadas do jornal *O Globo*, já no jornal *O Dia* foram encontradas 39 ocorrências. A quantidade expressiva de ocorrências decorre não só do caráter do gênero, como também da posição em que esse leitor se coloca diante do que é enunciado, dos outros leitores e do veículo.

O leitor que escreve para uma seção de carta do leitor, geralmente, tem um perfil colaborativo, participativo e engajado politicamente. Ele busca se destacar dos demais ao desejar que a sua mobilização ao escrever cause impacto e seja relevante para os outros leitores. O leitor-autor da carta coloca-se como um porta-voz da opinião pública. Nesse sentido, o leitor-autor enxerga a sua atitude como um exercício de cidadania e civilidade, ou seja, uma atuação democrática.

Nas cartas analisadas, em ambos os periódicos, não houve diferença significativa entre as marcas que representam a modalização e as que representam a modulação. Das 72 ocorrências analisadas nas cartas do jornal *O Globo*, 35 foram de modulação e 37 de modalização. Já no jornal *O Dia*, das 46 ocorrências analisadas, 21 foram de modulação e 25 de modalização. A expectativa inicial era de encontrar uma diferença significativa entre esses dois tipos de modalidade, o que não se confirmou com as análises. Esse resultado, no entanto, revela que há um equilíbrio entre esses recursos, assim, o enunciador além de avaliar e opinar sobre determinado fato, ele também sugere soluções.

Embora as cartas tenham sido produzidas e reproduzidas em uma mesma cidade e em um mesmo momento histórico, observamos uma diferença no contexto de cultura no qual estão inseridas. O contexto de cultura, como foi exposto no capítulo 3 da presente dissertação, refere-se ao ambiente sociocultural, incluindo ideologia, valores, convenções e práticas sociais etc.

O público-alvo do jornal *O Globo* localiza-se nas classes sociais mais elitizadas, com maior poder aquisitivo e com nível de escolaridade mais alto. O periódico possui uma alta tiragem e o maior número de leitores encontra-se na zona sul e em parte da zona oeste da cidade. Já o público-alvo do jornal *O Dia* localiza-se nas classes sociais mais populares e menos privilegiadas da cidade. A sua tiragem é um pouco menor e o maior número de leitores encontra-se na Zona Norte e na Baixada Fluminense. O jornal *O Globo* apresenta uma linguagem mais próxima da

norma padrão da língua e mais formal, enquanto o jornal *O Dia* objetiva uma proximidade maior com o seu público, apresentando uma linguagem mais informal e coloquial. Essas diferenças entre o público leitor dos dois jornais têm grande influência no que é enunciado e em como é enunciado o discurso desse leitor-autor ao escrever uma carta para a redação do jornal, o que ficou evidente na análise das cartas.<sup>17</sup>

Nas cartas do leitor analisadas pertencentes ao jornal *O Globo*, observamos que os leitores apresentam maior engajamento político e escrevem com o intuito de denunciar alguma situação, geralmente de cunho político e social. Em contrapartida, observamos que as cartas do jornal *O Dia* apresentaram um caráter mais utilitário, partindo de questões de ordem mais práticas, como a divulgação de problemas e queixas sobre ruas sem iluminação ou o trânsito de determinado bairro, por exemplo.

As cartas de ambos os periódicos foram colhidas no mesmo período, entre os meses de março e agosto. Conforme já explicamos no capítulo 4, não privilegiamos nenhum tema. Vale ressaltar, no entanto, que foi um período marcado por discussões importantes, que mexeram com a sociedade, como, por exemplo, a redução da maioria penal, as denúncias de corrupção envolvendo membros do governo e protestos contra o governo PT (Partido dos Trabalhadores). Esses temas foram recorrentes nas cartas dos dois jornais, porém, os leitores do jornal *O Globo* mostraram-se mais inflamados, avaliando e apresentando um tom mais crítico, exigindo ações, enquanto os leitores do jornal *O Dia* apresentaram críticas mais expositivas que avaliativas, demonstrando, às vezes, somente a sua indignação mediante o mesmo fato.

A modalidade é uma ferramenta importante para auxiliar na expressão do pensamento e no que concerne aos recursos linguísticos utilizados, notamos, também, algumas diferenças significativas.

Nas ocorrências de marcas linguísticas de modalização, as marcas mais recorrentes no jornal *O Globo* foram sintagmas adverbiais (17 ocorrências), marcadores de foco (7 ocorrências) e verbos que explicitam o ato praticado pelo locutor (7 ocorrências). A maioria das ocorrências de sintagmas adverbiais foram expressas por advérbios terminados em *-mente*, derivados de adjetivos qualificadores e não classificadores, esses adjetivos possuem forte caráter

---

<sup>17</sup> Informações extraídas do site <https://noticiassobrenoticias.wordpress.com/2008/06/29/a-receita-dos-jornais/>

avaliativo. Os sintagmas adverbiais desempenham uma função importante ao produzir efeitos discursivos, como a expressão de apreciações subjetivas diversas (AZEREDO, 2012). Os marcadores de foco têm a função de estabelecer relações de implicação e pressuposição, expressando um contraste entre informações implícitas e explícitas (AZEREDO, 1990). Apesar de não apresentarem um papel sintático relevante, sua função é importante para a construção do discurso. A outra marca recorrente foi a de verbos que explicitam o ato praticado pelo locutor. Esses verbos deixam evidentes os juízos que o falante/escritor quer comunicar ao seu interlocutor a respeito do que é dito. São empregados no presente, na primeira pessoa, e através deles pode-se inferir o ponto de vista do enunciador, ou seja, como ele reage frente ao fato expresso no enunciado.

Exemplos:

- a) Sintagmas adverbiais: “Os mercados que mais crescem hoje, no Brasil, são a corrupção, e, **evidentemente**,<sup>18</sup> a carga tributária, companheiras fiéis.”
- b) Marcadores de foco: “Não entendo o nosso país com 39 ministros **só**<sup>19</sup> para satisfazer as indicações dos partidos.”
- c) Verbos que explicitam o ato praticado pelo locutor: “Não **entendo**<sup>20</sup> quem pede o retorno da ditadura militar em pleno século 21.”

Os verbos que explicitam o ato praticado pelo locutor, caracterizando a modalização, também apareceram de forma recorrente nas cartas analisadas do jornal *O Dia* (7 ocorrências). Todos os verbos apresentaram as mesmas características descritas acima. Outra marca que também foi recorrente nas cartas do jornal *O Dia* foram os sintagmas adverbiais (7 ocorrências). No entanto, apareceram em menor quantidade se comparados às cartas do jornal *O Globo*. Além disso, diferentemente das ocorrências encontradas nas cartas do jornal *O Globo*, somente um advérbio é terminado em *-mente* com caráter avaliativo. O que confirma a postura distinta entre os dois tipos de leitores-autores dos jornais analisados. A terceira marca que apresentou maior recorrência nas cartas do jornal *O Dia* foi a de predicadores seguidos de *que* + oração ou justapostos no enunciado.

<sup>18</sup> Exemplo extraído da carta “Padrão Brasil” presente na p.51 desta dissertação.

<sup>19</sup> Exemplo extraído da carta “Gastos públicos” presente na p.51 desta dissertação.

<sup>20</sup> Exemplo extraído da carta “Lembrete a quem quer a ditadura de volta” presente na p.60 desta dissertação.

Essas expressões modalizadoras apresentam um julgamento epistêmico do que está sendo enunciado, podendo indicar verdade, probabilidade, certeza ou crença.

Exemplo:

- d) Predicadores seguidos de que + oração ou justapostos: “**É inacreditável**<sup>21</sup> a imundície da Lei de Responsabilidade Fiscal trocada com parlamentares por meio de chantagem.”

Quanto às ocorrências que se realizam por meio da modulação, as marcas mais recorrentes tanto jornal *O Globo* quanto no jornal *O Dia* foram: verbos modais (15 ocorrências – *O Globo* / 11 ocorrências – *O Dia*) e modos do verbo (10 ocorrências – *O Globo* / 3 ocorrências – *O Dia*).

Os verbos modais exprimem, marcando o grau de comprometimento, as atitudes do falante/escritor em relação ao que é dito. Ao usar esse recurso, o falante/escritor se protege ao não assumir uma postura mais declarada sobre o que está sendo enunciado.

Já os modos verbais marcam um posicionamento mais explícito do enunciador, pois o enunciador é “de fato, quem comanda variados tipos de relações que a língua permite exprimir” (AZEREDO, 2012, p.209). Dessa forma, essas marcas servem para orientar a compreensão do interlocutor acerca do que foi enunciado. Dentre as ocorrências, em ambos os jornais, todas pertencem ao modo subjuntivo ou imperativo. O modo subjuntivo serve para “representar fatos como dependentes do ponto de vista pessoal do enunciador” (AZEREDO, 2012, p.210). O modo imperativo é usado para expressar ordem, sendo um recurso usado pelo falante/escritor para se dirigir explicitamente a um interlocutor, exigindo uma ação.

Exemplos:

- e) Verbos modais: “Nas manifestações, o foco não **deve**<sup>22</sup> ser a presidenta Dilma, mas, sim, os chamados ‘achacadores’ do Congresso, que também são governo.”
- f) Modos do verbo: “Mudem<sup>23</sup> as leis.”

<sup>21</sup> Exemplo extraído da carta “Corrupção já acabou com o governo do PT” presente na p.61 desta dissertação.

<sup>22</sup> Exemplo extraído da carta “Por manifestações contra achacadores” presente na p.61 desta dissertação.

<sup>23</sup> Exemplo extraído da carta “Menores e a Justiça” presente na p.47 desta dissertação.

A diferença de ocorrências dessa marca de modulação entre os dois jornais deve-se exatamente ao fato de que o leitor-autor do jornal *O Globo* apresenta uma postura mais crítica em relação ao que enuncia do que o leitor-autor do jornal *O Dia*.

As colocações do leitor-autor do jornal *O Globo* são mais efusivas e contundentes, além de apresentarem um viés político forte, o que também tem a ver com a orientação política desses leitores.

Outra marca utilizada para expressar a modalidade e que apresentou uma recorrência significativa foi a entoação. Essa marca é utilizada como um meio de interação com o interlocutor. É expressa por meio de orações interrogativas e interrogativas afirmativas, ou seja, são perguntas retóricas.

Não foram encontradas ocorrências de empregos modais dos tempos verbais em nenhum jornal.

Passaremos, agora, para a conclusão da nossa pesquisa.

## CONCLUSÃO

Nossa pesquisa teve por objetivo a análise das ocorrências de modalidade em cartas do leitor, observando de que forma essa categoria discursiva veicula significados interpessoais.

Na medida em que o falante é levado a expandir seus conhecimentos de língua para além dos conhecimentos gramaticais, ele desenvolve sua capacidade de refletir, de maneira mais crítica, sobre o mundo que o cerca e, sobretudo, desenvolve sua capacidade de utilizar a língua como instrumento de interação social, compreendendo, dessa forma, a língua dentro de um contexto social.

O estudo da modalidade pode ajudar na compreensão da enunciação e na detecção de elementos que revelam as intenções do enunciador, pois é por meio desses elementos que o enunciador expressa seus sentimentos e opiniões em relação ao que foi enunciado. O reconhecimento desses elementos não só contribui para que o leitor interprete de forma mais crítica aquilo que está lendo, como também seu uso assegura que ele se posicione melhor para expressar seu ponto de vista na hora de escrever.

Ao optarmos pela Linguística Sistêmico-Funcional como aporte teórico, só seria possível analisar a categoria discursiva modalidade na língua em uso. Escolhemos, pois, textos do gênero carta do leitor. Esse gênero mostrou-se bastante relevante para o nosso estudo, visto que apresenta um forte caráter argumentativo e constitui-se um material adequado à análise da orientação discursiva de um texto.

A produção desse gênero proporciona aos leitores um espaço de exposição do seu ponto de vista acerca de assuntos variados, assim os leitores podem exprimir suas críticas, fazer sugestões, cobrar atitudes, discordar, elogiar, ou seja, podem participar da formação da opinião pública. Esses textos permitem, então, uma visão dos aspectos mais relevantes da nossa cultura por apresentarem avaliações e comentários sobre assuntos que permeiam a sociedade.

O *corpus* da presente pesquisa foi selecionado a partir de dois periódicos de grande circulação na cidade do Rio de Janeiro. Optamos pelo jornal *O Globo* e pelo jornal *O Dia* com o objetivo de confirmar a hipótese de que as incidências de marcas linguísticas de modalidade em cartas do leitor decorriam das especificidades que caracterizam este gênero. A partir da análise das cartas, confirmamos essa hipótese



e observamos que a quantidade expressiva de marcas de modalidade decorre não só caráter do gênero, como também da posição em que esse leitor se coloca diante do que enuncia.

Conforme ficou claro nas tabelas apresentadas com o número de ocorrências, não se confirmou a hipótese de que a quantidade entre as marcas de modalização e modulação seriam diferentes. Na verdade, não houve uma diferença significativa entre essas marcas em nenhum dos jornais, o que aponta para o fato de que esses leitores-autores não só avaliam e opinam, mas também apresentam sugestões.

Confirmamos, no entanto, a hipótese de que haveria diferenças, motivadas pelo contexto de cultura, na quantidade de ocorrências entre as cartas dos dois jornais. Como já foi dito, o jornal *O Globo* destina-se a um público mais elitizado, enquanto o jornal *O Dia* abrange um público mais popular e com menor poder aquisitivo. Essas diferenças entre o público-alvo e objetivo comunicativo dos jornais influenciam, de fato, na construção do discurso, o que foi evidenciado na análise das cartas.

A partir das cartas analisadas, percebemos que o leitor-autor do jornal *O Globo* tem um perfil mais avaliativo e mais engajado politicamente. Os discursos das cartas analisadas objetivam denunciar, criticar, opinar e exigir tomadas de posição. Por ser um jornal que permeia classes mais abastadas, notou-se uma temática mais específica de críticas ao atual governo federal. O leitor-autor do jornal *O Dia*, em contrapartida, apresenta em suas cartas questões de ordens mais práticas, com caráter mais utilitário, visando comunicar problemas, solicitar resoluções, ou expor opiniões. Assim, podemos concluir que o público-alvo, os propósitos comunicativos, a abordagem acerca dos fatos e a orientação política dos jornais podem interferir na maior ou menor incidência de marcas de modalidade, o que ficou evidente nas análises.

Em geral, nas cartas analisadas, as marcas mais recorrentes foram o emprego de verbos modais, que exprimem as atitudes do falante/escritor em relação ao que é proferido, atenuando a posição crítica; as marcas que indicam os modos verbais, que marcam um posicionamento mais explícito do enunciador em relação ao conteúdo do próprio discurso; os advérbios terminados em *-mente*, de caráter avaliativo; além de outras marcas que, mesmo sendo menos recorrentes nos textos, imprimem diferentes efeitos discursivos nas cartas. A diferença quantitativa dessas marcas nos dois jornais comprova que o contexto de cultura em que se insere cada

jornal determina o grau de exposição e o posicionamento crítico e avaliativo do leitor- autor, o que se pode observar no capítulo 6, que apresenta a análise dos resultados.

Acreditamos que a presente pesquisa traz contribuições relevantes para os estudos linguísticos, além de apresentar uma possibilidade da aplicação da abordagem sistêmico-funcional aos estudos de língua portuguesa. Objetivamos, pois, apresentar um estudo de fenômenos linguísticos associado às interações comunicativas reais de uso.

Os resultados obtidos nas análises das cartas são, também, de interesse pedagógico, pois contemplar o estudo de categorias linguísticas aliado aos estudos dos gêneros textuais faz com que o aluno melhore a compreensão acerca dessas categorias, ao se dar conta da função que os mais variados recursos linguísticos podem assumir no discurso.

## REFERÊNCIAS

- AZEREDO, José Carlos de. *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2013.
- BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Editora WMF; Martins Fontes, 2011.
- BEZERRA, M. A. Por que cartas do leitor na sala de aula? In: DIONISO, A.P., MACHADO, A. R.; BEZERRA, M.A (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p.208-216.
- BONINI, Adair. Gêneros textuais/discurso: o conceito e o fenômeno. In: CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes; NASCIMENTO, Elvira Lopes (Org.). *Gêneros textuais: teoria e prática*. Londrina: Moriá, 2004. p. 3-17.
- CASTILHO, Ataliba T. de; CASTILHO, Célia M. M. de. Advérbios modalizadores. In: ILARI, Rodolfo (Org.). *Gramática do português falado*. v. 2: Níveis de análise linguística. 4. ed. rev. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2002. p.199-247.
- CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.
- COSTA, S. D. da. Carta dos leitores: gênero discursivo porta-voz de queixa, crítica e denúncia no jornal O Dia. *Soletras*, Rio de Janeiro, n. 10, p.28-41, 2005. Disponível em: < [http:// www.filologia.org.br/soletras/10/03.htm](http://www.filologia.org.br/soletras/10/03.htm)>. Acesso em: abr. 2015.
- ELIAS, Vanda Maria; KOCH, Ingedore G. Villaça. *Ler e compreender os sentidos do texto*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: UnB, 2001.
- FUZER, Cristiane; CABRAL Sara Regina Scotta (Org.). *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Departamento de Letras Vernáculas, Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa, 2010.
- HALLIDAY, M. A. K. Estrutura e função da linguagem. In: LYONS, J. (Org.). *Novos horizontes em linguística*. São Paulo: Cultrix: Universidade de São Paulo, 1976.
- \_\_\_\_\_. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K; HASAN, Ruqaiya. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e Linguagem*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela P.; MACHADO, Anna Rachel, BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p.19-36.

\_\_\_\_\_. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MOTTA-ROTH, Désirée. Questões de metodologia em análise de gêneros. In: KARWOSK, Acir M. et al. (Org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005. p.179-202.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2011.

PINTO, Milton José. *As marcas linguísticas da enunciação: esboço de uma gramática enunciativa do Português*. Rio de Janeiro: Numen, 1994.

REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SCHLEE, Magda Bahia. *A modalidade em Português: uma abordagem sistêmico-funcional das orações principais*. 2008. 178f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

## ANEXOS

### Jornal O Globo

#### 1- Menores no crime – Marta Cardoso – 26/05/2015

**MENORES NO CRIME**

▶ Quanto menor o investimento na Educação, maior será a violência. Precisamos de boas escolas públicas, de melhores salários para os professores para evitar, lá na frente, a violência armada de facas, que mata os cidadãos de bem. É necessário que o Estado esteja atento e que se faça um cadastramento das famílias destes infratores e que a responsabilidade seja compartilhada com os pais. Que se criem mecanismos para ocupar estes menores em regime integral, proporcionando não só educação de base, mas também alimentação, esportes, música, visitas aos museus e centros históricos, incentivando-os e contando com a participação das famílias. O amparo ao adolescente não deve ser a detenção por três anos, que não socializa coisa alguma. Apenas cria presos sem horizonte.

**MARTA CARDOSO**  
RIO

#### 2- Menores e a Justiça – Letícia Dornelles – 23/05/2015

**MENORES E A JUSTIÇA**

▶ “Polícia Civil apreende adolescente suspeito de esfaquear ciclista em cartão-postal”. Tradução: Polícia detém psicopata que esfaqueou friamente um cardiologista dedicado a um hospital público, pai de família honesto e pagador de impostos. Gente boa que morreu barbaramente apesar de não reagir ao assalto. Algum fórum vai liberar o “adolescente” que, em breve, voltará às ruas e ao crime. Mudem as leis. O “de menor” é um assassino cruel. Ofereçam segurança à população, sem demagogia eleitoreira. E prestem solidariedade à família do cardiologista. Ao bandido, não.

**LETÍCIA DORNELLES**  
RIO

## 3- Fernando Pires – 23/05/2015

▶ Elementos nas ruas, maiores ou menores de idade, sem prova de trabalho, portando faca ou canivete e delinquentes contumazes. Quando detidos devem, sim, ser autuados em flagrante por porte de arma e, no caso de menores, apreendidos na forma da legislação. Acho que o chefe da Polícia Civil se equivocou ao dizer que nada poderia fazer nesses tipos de infração. Opino como delegado aposentado da Polícia Civil.

**FERNANDO PIRES**  
RIO

## 4- A conta – Luiz Antônio R. Mendes Ribeiro – 26/03/2015

**A conta**

▶ Dilma gastou além da conta nas eleições, fez promessas, mentiu sobre a realidade da economia etc, etc! Eleita, revela agora a dramática situação do país e quer corrigir seus desmandos empurrando para nós, cidadãos, estados e municípios todo ônus desse ajuste! Já, reduzir gastos do governo... 39 ministérios, cargos comissionados, até mesmo os ditos programas sociais etc., que, basicamente, só interessam ao PT e ao seu sonho de poder, além de outras alternativas, nada disso ela considera nem adota... Srs., não dá! Os erros e culpa são dela, a conta é nossa e os planos petistas nada sofrem? Ninguém aceita e a prova disso está na baixíssima apreciação do governo e nas manifestações de insatisfação. Faça o dever de casa, reconheça seus erros e desmandos e jogue as contas para todos, não apenas para nós!

**LUIZ ANTONIO R. MENDES RIBEIRO**  
BELO HORIZONTE, MG

## 5- Doutrinas e utopias – Jayme Vasconcelos – 22/03/2015



## Doutrinas e utopias

▶ As massas que foram às ruas no dia 15 protestar contra a horda de políticos corruptos e incompetentes que dominam o país há décadas, se esquecem de que foram elas mesmas que os elegeram. Protestam contra pessoas, esquecendo que elas são meros beneficiários da doutrina socialpopulista por meio da qual chegaram ao poder. Os populistas oferecem ao povo a realização de utopias, isto é, prometem aos eleitores paraísos que nunca poderão ser alcançados. Permanecendo os eleitores nesse estado ingênuo de consciência política, os novos dirigentes do país hão de ter outros nomes, mas serão sempre comprometidos com a mesma má-fé e as mesmas promessas impossíveis de serem cumpridas. Para que o Brasil possa mudar profundamente, precisamos questionar para refutar de uma vez por todas as doutrinas que oferecem utopias ao povo, e não as pessoas que, espertamente, chegam ao poder por meio delas.

**JAYME VASCONCELLOS**

RIO

### 6- Gastos públicos – Manoel Limoeiro – 22/03/2015

**\*Gastos públicos**

▶ O povo está cansado de tanta corrupção, que continua aparecendo mais. Os poderes Executivo e Legislativo têm parlamentares envolvidos na lavagem de dinheiro da Petrobras. Não entendo o nosso país com 39 ministros só para satisfazer as indicações dos partidos. Senhorapresidente, o seu governo precisa diminuir os gastos públicos no Executivo e no Legislativo. Essa sua medida de aumentar os impostos nos setores da economia só vai gerar mais desempregos e o aumento da inflação.

**MANOEL LIMOEIRO**  
RECIFE, PE

### 7- Padrão Brasil – Jeferson Murta Agreli – 26/04/2015

## PADRÃO BRASIL

► Parece não ter fim a sucessão de tragédias e tropeços que, fatalmente, ferem a cada dia nossa nação. A corrupção está infiltrada em todas as esferas como um câncer incurável. Não devemos buscar comparações de economia e comportamentos no exterior, pois a coisa vem do padrão moral aceito e praticado por quase todos neste país. Os mercados que mais crescem hoje no Brasil são a corrupção, e, evidentemente, a carga tributária, companheiras fiéis. As duas, aliadas, causam o que estamos vendo no contexto-político e no socioeconômico. Alguém terá que pagar esta conta, e seremos nós. Resta saber até quando, pois a cura não se encontra em siglas partidárias, nem em quem as representa. Mas numa mudança de comportamento moral, contribuindo assim para apagarmos o incêndio do vergonhoso padrão moral brasileiro.

**JEFERSON MURTA AGRELLI**  
ALÉM PARAÍBA, MG

## 8- Planos de saúde – João Carlos Carraz – 09/05/2015

### PLANOS DE SAÚDE

► É notória a incapacidade da ANS de monitorar adequadamente os preços praticados pelos planos de saúde, que, a cada dia, lançam mais e mais despesas médicas sobre os ombros de seus associados, corrigindo, ao mesmo tempo, o preço de seus planos através de índices próximos à estratosfera e apresentando planilhas de custo que vão além do limite da capacidade humana de compreensão. Como quase tudo neste país não visa primeiramente o consumidor, vai chegar o dia em que os planos de saúde cobrirão apenas o ar respirado pelo associado, que, eventualmente, poderá se tornar irrespirável.

**JOÃO CARLOS CARRAZ**  
RIO

## 9- Aposentados – André Luiz Duque Estrada – 10/05/2015



## APOSENTADOS

▶ É preciso atenção às perdas salariais dos aposentados que, durante uma vida, contribuíram para receberem, por exemplo, dez salários mínimos e, hoje, recebem entre três e 3,3. O índice que reajusta o salário mínimo não é o mesmo aplicado aos rendimentos desta sofrida categoria, que sofreu perda de 67%, se minha conta estiver correta. Essa categoria, que não pode fazer greve, está sendo maltratada há algum tempo.

**ANDRÉ LUIZ DUQUE ESTRADA**

RIO

10- Maioridade penal – Moacir Pereira da Costa – 24/05/2015

## MAIORIDADE PENAL

▶ Se a escala dos crimes praticados pelos menores cresce assustadoramente, o direito de ir e vir consagrado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente deveria, também, prever que lugar de criança é nas escolas e não perambulando e praticando delitos pelas ruas. Acordem senhores governador e prefeito: não merecemos ser considerados uma das cidades mais violentas do Brasil.

**MOACIR PEREIRA DA COSTA**

RIO

11- Alguns conselhos – Antônio Tavares Carneiro Sobrinho – 02/07/2015

## ALGUNS CONSELHOS

► Presidente, a sabedoria popular nos ensina que se conselho fosse bom, não seria dado, mas vendido. Apesar disso, me atrevo a lhe dar alguns. Mas eles têm um preço: um pouco de sacrifício. Primeiro, recomendo-lhe que não fale, principalmente em público, pois, suas falas têm piorado o que já estava ruim. Não tente justificar, nem explicar, o que não tem justificativa. Se houver uma necessidade imperiosa de falar, seja concisa e direta. Segundo, tome medidas fundamentais para tirar o Brasil do atoleiro. Sei que são do seu conhecimento e lembro algumas, como enxugamento da máquina pública, com redução do número de ministérios e do gasto público; e investimento em educação e saúde. Terceiro, se dentro de algum tempo, que não pode ser muito longo, concluir que a situação está piorando e que o seu governo não consegue governar, vá para casa.

**ANTONIO TAVARES CARNEIRO SOBRINHO**  
RIO

12- Reajuste justo – Paulo Henrique Coimbra de Oliveira – 19/07/2015

## REAJUSTE JUSTO

► Estou de acordo com o reajuste pleiteado pelos servidores do Judiciário. Apenas acho que o mesmo só deveria ser concedido se estendido a servidores públicos, aposentados e pensionistas do INSS, militares, enfim, à classe trabalhadora. Do contrário, deve ser negado, até porque nos últimos dez anos os servidores em questão tiveram reajustes bem acima dos índices oficiais. E também tais aumentos coletivos deveriam ocorrer na época em que os ministros do STF, congressistas e o alto escalão da República também tivessem. Por que a diferenciação? Não são melhores do que ninguém.

**PAULO HENRIQUE COIMBRA DE OLIVEIRA**  
RIO

13- Versão modificada – Vera B.Emet – 19/07/2015

### VERSÃO MODIFICADA

▶ É preciso dizer à presidente Dilma: pesquisas indicam que seu governo tem boa fama apenas para 9% dos entrevistados; que malfeitos não deixam de existir só por serem ignorados; que estamos numa democracia plena; que ela não é vítima; que não está sendo torturada; que suas queixas devem ser dirigidas a amigos e aliados que a estão abandonando sozinha no meio da tempestade. Ao fim e ao cabo, esperemos que, depois da tempestade que tanto nos tem castigado, venha a bonança.

**VERA B. EMET**

RIO

#### 14- Maioridade – Hoche Luiz Pulcherio – 19/07/2015

### MAIORIDADE

▶ Na discussão sobre redução da maioria penal, é necessário afastar da população qualquer indivíduo que represente ameaça criminosa, seja de que idade for. Não se trata de punir apenas, mas de resguardar potenciais vítimas. Vejo, também, um perigo que me parece não estar recebendo atenção: a população, revoltada com a impunidade, já vai perdendo a paciência, como vimos agora com os linchamentos no Maranhão. É possível que surjam grupos de justiceiros. Não seria melhor endurecer as leis?

**HOCHÉ LUIZ PULCHERIO**

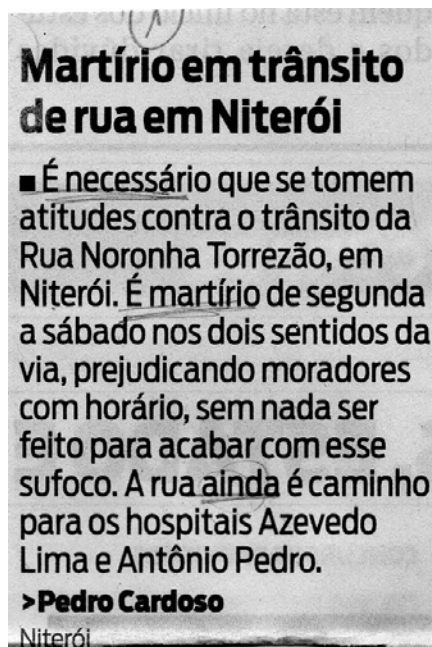
PETRÓPOLIS, RJ

#### 15- Cunha e Collor denunciados

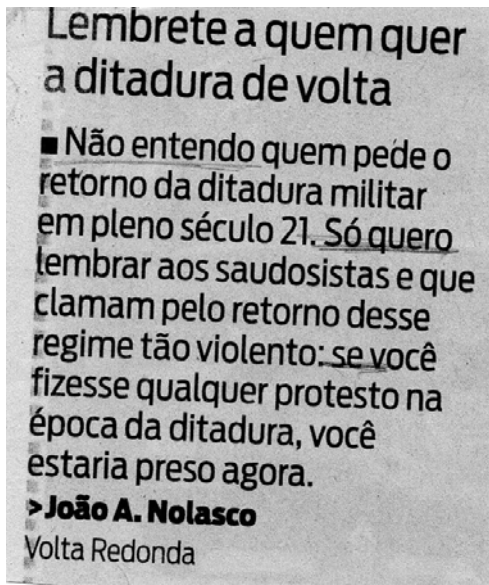


## Jornal *O Dia*

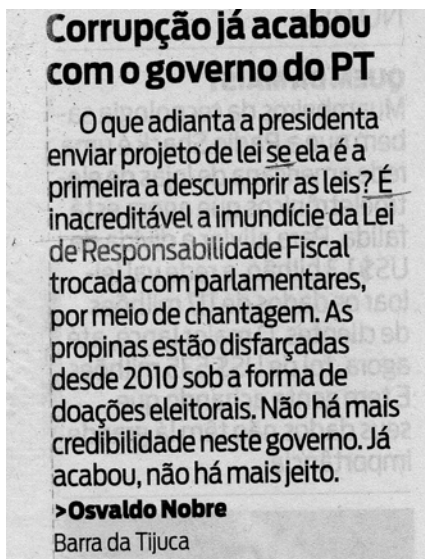
- 1- Martírio em trânsito de rua em Niterói – Pedro Cardoso – 09/03/2015



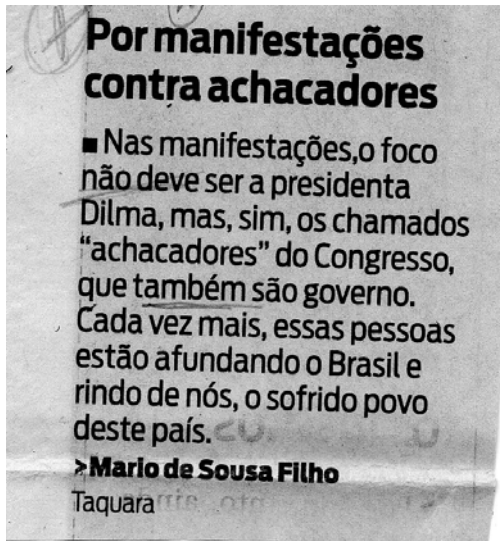
- 2- Lembrete a quem quer a ditadura de volta – João A. Nolasco – Volta Redonda



3- Corrupção já acabou com o governo PT – Osvaldo Nobre – Barra da Tijuca



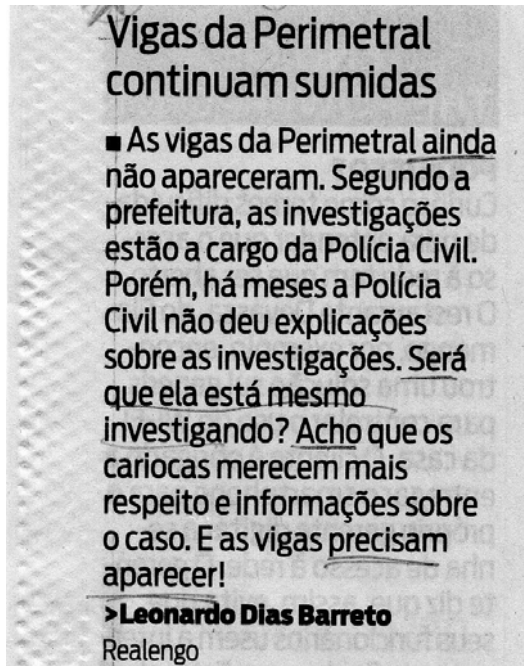
4- Por manifestações contra achacadores – Mario Sousa Filho – 06/04/2015



- 5- Por leis mais severas na política brasileira – Jeilson M. Germano –  
10/04/2015



- 6- Vigas da Perimetral continuam sumidas – Leonardo Dias Barreto –  
15/04/2015



- 7- Escândalos envolvem os mesmos políticos – Liberato Pereira da Silva –  
17/04/2015



- 8- Rua sem luz vira local de assaltos na Tijuca – Luiz Carlos Fonseca Silva –  
17/04/2015



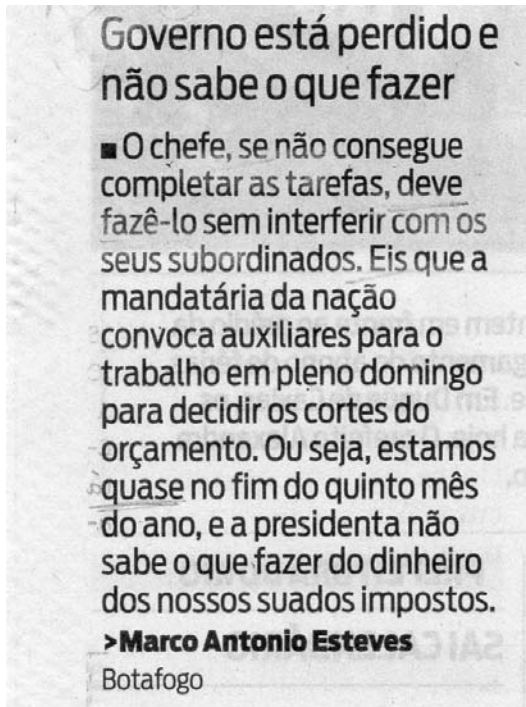


- 9- Bandidos são os culpados por crimes – Marco Antônio Esteves Balbi –  
14/05/2015



- 10- Governo está perdido e não sabe o que fazer – Marco Antônio Esteves –  
21/05/2015

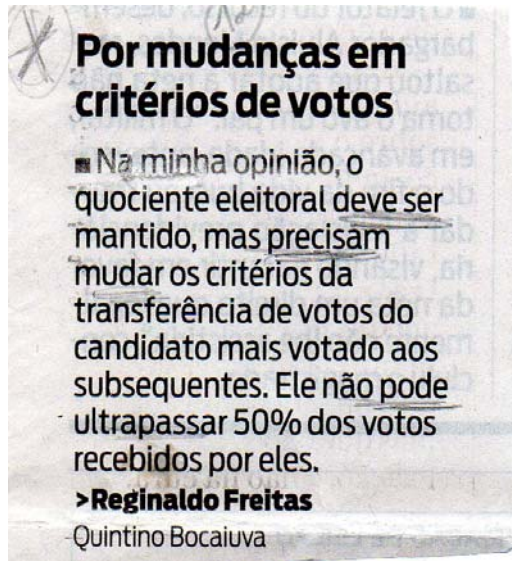




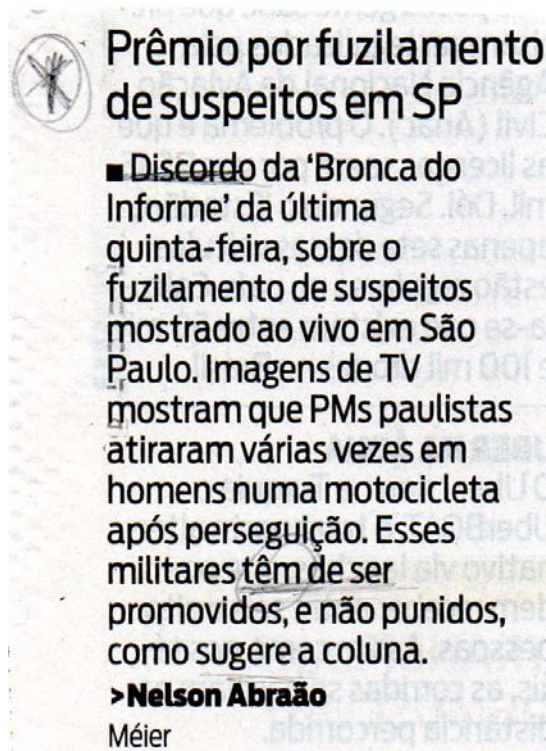
- 11- Mudanças na pensão para viúvas são o fim – Teresa Abreu de Almeida –  
26/05/2015



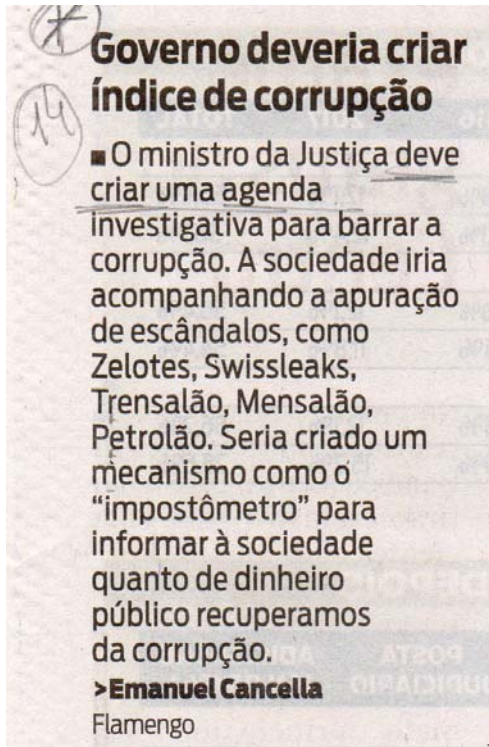
- 12- Por mudanças em critérios de votos- Reginaldo Freitas – Quintino Bocaiuva



13- Prêmio por fuzilamento de suspeitos em SP – Nelson Abraão – 01/07/2015



14- Governo deveria criar índice de corrupção – Emanuel Cancellia – 02/07/2015



15- Impressionante ambição de senadores – Valter Fernandes de Souza – 29/07/2015

